

## 7.

### **A mística esponsal, a visão otimista das criaturas como celebração cósmica: um olhar prospectivo**

#### **Considerações iniciais**

Nesse último Capítulo apresentamos a síntese que objetivamos realizar da experiência mística de Francisco sob a perspectiva de um olhar prospectivo. Depois de uma pesquisa vasta e atenta do Cântico na perspectiva dos estudos críticos e bibliografia especializada, propomos-nos a tomar uma posição diante das principais intuições de Francisco, consideramos o seu desejo de unir-se a todas as coisas, em desdobrar-se na mística da fraternidade cósmica e na união com o Todo, expressa na mística do Cântico.

A leitura que fizemos não tem a pretensão de ser conclusiva: o Cântico representa uma fonte de pesquisa praticamente inesgotável. O que vamos apresentar, com um olhar prospectivo é o resultado que conferimos alcançar a partir do recorte que delimitou nossa pesquisa. As intuições oriundas da nossa investigação podem servir de estímulo à continuidade da pesquisa teológica investigativa da mística que emana da novidade do Cântico, texto paradigmático por excelência, no conjunto da obra dos Escritos de Francisco.

Nosso estudo da mística de Francisco nos permite constatar: a mística que se traduz do Cântico não é só oportuna, mas necessária à época atual, é de grande relevância para nosso momento religioso e delineiam-se elementos preciosos para uma autêntica busca da experiência de Deus. No curso dos dois capítulos precedentes estabelecemos uma linha de reflexão orgânica do conteúdo sistemático do Cântico, esse extrato literário, o conteúdo visceral e íntimo da mística de Francisco descrito de forma poética no seu salmo derradeiro, expressamos o centro da sua reflexão, a novidade e síntese do seu pensamento, a experiência da graça extraordinária.

O Cântico em aplicação à mística, a partir da sua compreensão estrutural, recolhe em consideração a relação da vida de Francisco com todos os elementos (irmão sol, irmã lua, irmã e mãe terra...) que ele louva no Cântico à novidade da palavra e sentido profundo como ‘missão evangelizadora’ do

‘escritor’ Francisco para a sua realidade e para nosso tempo, para nossa relação com as criaturas e com Deus. Ação de graças, de fraternidade, acima de tudo, profundo respeito e convivência alegre com todos os bens que saíram das mãos de bondade infinita do eterno e sempre próximo de todos nós, o Deus Criador.

Francisco transforma e sintetiza toda sua relação com as criaturas no perene hino de louvor do Deus Altíssimo, na proximidade do próprio Filho de Deus, encarnado e crucificado. É do profundo mergulho para dentro do Cântico Divino, o próprio Deus, que brotam os cânticos, os hinos, os louvores e as ações de graças, escritos e entoados por Francisco, de onde brota também todo o seu louvor, místico, expresso em toda a beleza do seu último Cântico a celebrar a vida. No encontro com as criaturas, num misto de alegria e de compaixão, põe-se a proclamar e a cantar (Cnt 1; LDA 1; LH 1). A partir de então, Francisco tem evidência de que, antes dele são as criaturas todas que cantam e louvam, pois, nascendo incessantemente do vigor generoso, gratuito e misericordioso do Pai, não podem deixar de bendizê-Lo e louvá-Lo.

As criaturas, na concepção da natureza de Francisco, luzes e trevas, alegrias e dores, júbilos e sofrimentos, vida e morte, tudo, enfim, vem e é de Deus. Vindo e sendo de Deus, elas cantam e encantam Francisco. Pois, poderia, por acaso, algo ou alguém vir a ser de Deus e não ser um cântico seu, uma louvação sua? Não ousa cantar e louvar individualmente ou sozinho o seu Altíssimo, onipotente, bom Senhor (Cnt 1), porque sabe muito bem que nenhum ser humano é digno de mencioná-Lo. Por isso ele junta ao cântico puro, inocente e jovial, originário e eterno de Deus, Jesus Cristo – a Alegria de toda a criação – pulsante em cada criatura. Pois, Ele sim, e com Ele as criaturas todas servem, conhecem e obedecem ao seu Criador (cf. CA 83,28)<sup>1110</sup>.

A contribuição originária de Francisco reside no fato de ele ter conseguido uma síntese feliz entre ecologia interior e a ecologia exterior, isto é, ter dado origem a uma fascinante mística cósmica. Os seus biógrafos, Tomás de Celano, São Boaventura e os textos de seus companheiros imediatos (Ex.:Legenda dos Três Companheiros, Compilação de Assis, Sacrum commercium) são unânimes em afirmar a profunda empatia que Francisco mantém com todos os seres da criação.

---

<sup>1110</sup> Cf. *Introdução Fontes Franciscanas* (FFs), p. 121-122.

Considerando o conjunto de toda a sua obra com as Edições Críticas disponíveis, é um poeta genial, capaz de sentir o coração das criaturas, decifrar a sua mensagem ontológica e sentir, por conaturalidade, os laços que nos prendem uns aos outros e ao coração do Criador, o “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”<sup>1111</sup>. Ele não viveu apenas a mística da filiação divina; descobriu os desdobramentos dessa verdade teológica. Se somos filhos e filhas, então somos irmãos e irmãs. Assim, Francisco, como vimos nos dois últimos capítulos, chama pelo doce nome de irmão e irmã o sol e a lua, o fogo e a água, as ervas daninhas até as enfermidades e a própria morte.

Se nos Capítulos precedentes desta Tese expusemos a mística específica do Cântico, agora passaremos a considerar mais detidamente até onde se pode fazer avançar a reflexão mística e seu prospectivo impacto na mística cristã daqueles e aquelas que vocacionados ao seguimento de Jesus Cristo para o bem do amor e da vida das criaturas de Deus, inspirados por Francisco compõem com suas vidas um cântico novo.

Com a leitura da mística de Francisco, com sua experiência vital expressa no Cântico, síntese da sua vida dedicada ao seguimento de Jesus Cristo, não podemos aderir ou seguir com o paradigma da modernidade que entende a atividade humana como transformação da natureza, a serviço do progresso linear ilimitado, sem consideração da lógica interna das criaturas. Hoje é imperativo: não modificar, mas conservar toda a realidade da criação. Mas para conservar o mundo, depreende o ensinamento, mudar de paradigma e converter as mentes fraternalmente para outros objetivos menos destruidores.

## 7.1.

### **A poética da salvação ou o sonho de Assis: superar a crise ecológica**

Sob o processo de resgate de nossa identidade religiosa, a valorização do legado místico, o hino de Francisco nos desperta à atitude reverencial e

---

<sup>1111</sup> Além do Cântico das Criaturas, Francisco escreveu outros belíssimos textos de altíssima comprovada qualidade literária e espiritual, que chegaram até nós, como por exemplo: *Os Louvores a Deus Altíssimo*; *A Exortação ao louvor de Deus*; *A oração diante do Crucifixo*; *A Saudação às Virtudes*; *A Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria*; *As Cartas*; *As Admoestações*; *As Paráfrases ao Pai-Nosso*; *As Regras*; *O Ofício da Paixão do Senhor*; *O Testamento*, entre outros.

respeitosa para com o patrimônio natural, conduz-nos a atitudes concretas de cuidado e preservação da natureza, da vida. Esse procedimento confirma um postulado básico da ética cristã, segundo o qual, na origem da crise ecológica está a negação da relação com Deus, de cuja autocomunicação amorosa tem origem todas as criaturas.

O universo inteiro e cada criatura têm a sua origem no Deus Trinitário, comunidade de Pessoas distintas, inter-relacionadas, em comunhão de ser e de vida, de modo que toda a criação é também intrínseca e vitalmente relacional. Somos impulsionados a afirmar que há uma relação de mútua inclusão-integração entre Deus ‘Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor’ e suas criaturas, pois a absoluta transcendência do Criador comporta também uma relação de imanência e de íntima comunhão com as suas criaturas. O ser humano está relacionado com todos os seres vivos. Isto é, enquanto criado à imagem e semelhança de Deus, ele é diferente dos outros seres, pois está chamado a agir responsabilmente na criação; enquanto ‘feito de argila’, o ser humano pertence ao mundo natural, está vitalmente conectado ao mundo das criaturas.

Ao romper com o relacionamento original, o ser humano se desconecta da fonte vital, do amor e do respeito à vida, criando relações desiguais com o próximo e com o mundo natural. Na raiz desse distanciamento primeiro, brotam as formas de desintegração, que estão na base das organizações sociais injustas e dão suporte ao poder que oprime e explora tanto o ser humano como as demais criaturas, gera a crise ecológica que se revela, portanto, uma crise moral. Uma ética ambiental de inspiração cristã denuncia a ruptura de relações fundamentais – com o Criador, com a pessoa do próximo, consigo mesmo e com o meio ambiente – e propõe valores que possibilitam uma convivência harmoniosa fundada na prática da solidariedade, da participação democrática, da justiça social, da corresponsabilidade e, sobretudo, da contemplação respeitosa à vida. Dessa forma, acreditamos que as rupturas podem ser superadas pelo dinamismo místico, portanto vital, da integração-inclusão à semelhança dos processos de inter-relações bióticas na grande cadeia da vida.

Recordamos uma máxima da ética ambiental, com Leonardo Boff: “Solidariza-te com todos os seres, especialmente com os mais prejudicados

para que todos possam ser incluídos no cuidado”<sup>1112</sup>. Ora, não é difícil perceber que, junto com toda a criação que sente e sofre as dores da degradação ambiental, a vida, especialmente das comunidades mais pobres, em paixão e morte, reclama a solidariedade ecológica. Excluir as vítimas humanas na luta pela superação de um sistema que agride as criaturas seria uma ruptura com o princípio integrador da fé cristã, pois a sobrevivência dos seres vivos e a felicidades dos seres humanos estão solidamente integradas no projeto divino da criação. A proposta do Cântico de Francisco, louvor ao Criador, é agradecimento *por e com* a criação; para um projeto pastoral, para despertar a reconciliação pelo perdão e a paz; acolher o fim natural ‘pela irmã nossa, a morte’. É profundamente unificador, na medida em que não separa aquilo que deve estar sempre unido: a mística com a vida, a fé com a responsabilidade ética, o ser humano com a natureza, o grito da terra com o clamor dos pobres<sup>1113</sup>, enfim, o Criador com as criaturas, a superação da crise ecológica.

### 7.1.1.

#### **A expressão significativa: a poética simbólica**

O texto místico de Francisco revela o que há tempos vive, oferecendo-lhe palavras para compreender a si mesmo, oferecendo-nos palavras para compreendermos a nós mesmos. Sem acrescentar o conhecimento de realidade nova mais profunda ou de graça extraordinária, o texto simplesmente lhe dá acesso à sua realidade, vivida intensamente na relação existencial com Deus, com as criaturas, de alto (irmão sol) à baixo (irmã terra), portanto, o faz saber o que já sabia, quando antes exortara: “Digno é o Senhor de receber o louvor e a honra (cf. Ap 4,11)...Filhos de Deus, bendizei o Senhor (cf. Dn 3,82)... Louvai o Senhor, porque ele é bom (cf. 146,1)... Criaturas todas, bendizei o Senhor (cf. Sl 102,22)”(ExL 2.7.10.11), desta forma, confirma, Juan Martín Velasco:

A contemplação franciscana se caracteriza, finalmente, por se expressar numa contínua *confessio laudis*, num permanente louvor. Vivido como Bem supremo, Deus provoca na pessoa que se encontra com ele uma cascata de emoções e

<sup>1112</sup> BOFF, L., *Ética e Moral*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 54.

<sup>1113</sup> “Daí a necessidade de, ao articular o grito da Terra com o grito do pobre, potencializá-lo ao máximo, ressignificando-os no bojo da utopia e escatologia cristãs” TAVARES, S.S., *Teologia da Criação. Op. Cit.* p. 12.

sentimentos que fazem nascer a atribuição por parte do sujeito de um sem-número de nomes e propriedades nos quais se concentram todos os valores: “Tu és o Santo, Senhor, Deus único, que operas maravilhas; tu és o Forte, o Grande, tu és o Altíssimo...” Na verdade, todas as orações de Francisco contêm algo do *Magnificat*<sup>1114</sup>.

Francisco se expressa de forma significativa: a poética simbólica do interior envolvido pela graça da bondade de Deus. Sua expressão nas criaturas. É a superação da preparação intelectual pelo processo místico-poético, arrebatador dos sentimentos à contemplação mística processual. Reconhecemos no texto a descrição literária de sua própria e única experiência.

Francisco serve-se da poética simbólica, à memória dos textos bíblicos poéticos<sup>1115</sup>, fruto da sua experiência irresistível de entrega ao Senhor, sua visão interior é traduzida à linguagem do Cântico, experiência mística cantada, celebrada pelo santo de Assis e seus companheiros. Na presença do Criador, percebido na sua realidade mais cotidiana, Francisco exprime uma tradição experimental e autorizada, torna-se capaz de estruturar e tornar inteligível o que, por si, é incompreensível: o Amor incondicionado..

Somente a intimidade amorosa com Deus Amor-Criador que é verdadeiramente formativa do itinerário místico. Francisco místico das Criaturas, formado pelo amor do Criador, transformado pela forma divina, as modalidades da vida divina se encarnam na sua realidade humana gratuitamente, porque a graça divina e a autocomunicação de Deus o torna imediatamente participante da vida divina. O deserto, a noite escura, os tormentos, para Francisco são iluminuras, estradas, luzeiros contemplativos de um homem em presença constante do Criador e suas criaturas. A contemplação do amor, que o Altíssimo opera nele e que opera nos irmãos e irmãs emerge nas criaturas que estão também dentro de Francisco e que ele também pode contemplar, louvar, em sinfonia amorosa. Um coro orquestrado para fora dele a

<sup>1114</sup> VELASCO, J.M., Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração. *Op. Cit.* p. 68.

<sup>1115</sup> Como arte, como criação de algo belo, a poesia tende a uma linguagem elevada, distinta do modo comum de se expressar. Os poetas do AT estavam bem convencidos de que para tal fim se deviam satisfazer determinadas exigências. As regras, porém, da poesia não nos foram transmitidas. Próprio da poesia hebraica a dúplice, às vezes tríplice repetição da mesma ideia em termos diferentes chamados *parallelismus membrorum*, figura estilística que brotou do modo tipicamente semítico de pensar e sentir em linhas concêntricas e manifestam os seus sentimentos como que em ondas sucessivas. A existência de uma estrutura rítmica da poesia bíblica é suposta pelo fato de que muitos cânticos eram executados com acompanhamento musical. Cf. Poesia. In: *DEB*, p. 1195-1196; para um estudo aprofundado dos variados gêneros literários da poesia bíblica, p. 1197-1199.

louvar o Criador, transformado em ato criativo também em Francisco, é a sua expressão mais significativa: a poética simbólica.

O texto místico, em movimento da experiência mística de Francisco, promove a formação mística da parte de Deus, desmascarando e desfazendo todas as resistências humanas, abrindo os olhos do contemplativo para a realidade divina e dando impulso à dinâmica do amor místico<sup>1116</sup>.

## 7.2.

### **A sacramentalidade arquetípica: uma visão otimista do mundo**

Sem dúvida, a convivência de Francisco entre os trovadores, menestrelis, entre os grupos juvenis que cantavam os feitos dos heróis, confirmou e conduziu a sua sensibilidade. Na raiz da sua personalidade está a grande capacidade de maravilhar-se. É a característica típica dos artistas, dos poetas, dos grandes idealistas e dos místicos. Estes sabem olhar o mundo com os olhos sobrenaturais e descobrem um profundo valor em tudo o que existe. Por isso Francisco se compraz em celebrar a sacramentalidade de cada evento natural como um acontecimento de intensa solenidade: o sol, a lua, as estrelas, plantas, flores, animais, vento, fogo, água e terra. Cada elemento convoca-nos à relação sacramental e afetiva, do movimento da claridade -da luz do sol, da lua e das estrelas -<sup>1117</sup> ao movimento telúrico e humano na terra, arquétipos da bondade de Deus, o Criador. Assim confirma o seu carisma de acolher aquilo que é natural e simples para transformá-lo em fonte de alegria e encantamento<sup>1118</sup>.

A transição de Francisco, ser humano bom para o místico é uma espécie de revolução sacramental vivida na sua humanidade, também ele elemento que se une às criaturas, com e por ele louvamos o Senhor. Francisco uma pessoa para quem todas as coisas ilustram e iluminam Deus passa a ser uma pessoa para quem Deus ilustra e ilumina todas as coisas. Um místico e um poeta que estejam próximos da mesma flor talvez pareçam dizer a mesma coisa, mas, na realidade, mesmo que os dois estejam dizendo a verdade, cada um dirá uma

<sup>1116</sup> Cf. BLOMMESTIJN, H. Formação mística. In: *DM*, p. 431-433.

<sup>1117</sup> Na perspectiva do que ensina o padre Chardin: “para o místico cristão o mundo aparece banhado por uma claridade interna que intensifica sua superfície, sua estrutura e suas profundidades”. CHARDIN, P.T. de. *Himno del Universo*. *Op. Cit.* p. 90.

<sup>1118</sup> Cf. MAZZUCO, V., Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 110.

verdade diferente. Para um, a alegria da vida é causa de fé; para o outro, ela é antes o resultado da fé. Um dos efeitos dessa diferença é que, para o artista, a dependência divina se parece com o brilhante clarão do relâmpago, ao passo que para o místico, ela é como a plena luz do dia. O sentido místico toca o outro lado das coisas, o homem de Deus vê que elas saem do divino como crianças saindo de um lar conhecido e aceito, em vez de ter contato com elas da maneira como elas se mostram nos caminhos do mundo, que é o que a maioria de nós faz<sup>1119</sup>.

O paradoxo disso é que, graças a esse privilégio, o místico é mais próximo, mais livre e fraterno, mais espontaneamente acolhedor. Para o senso comum, as criaturas são como arautos, mensageiros que nos dizem, com trombetas e solenidade, que estamos bem próximos do Criador, mas o místico as saúda com uma familiaridade que beira a intimidade, ele chama de irmão e irmão, por que esta é sua experiência de proximidade da visão otimista que recorda o profeta Neemias: “Não estejais na tristeza, pois a alegria do Senhor, esta é a vossa força!” (Ne 8,10).

O ser humano é chamado a transformar sua relação com as criaturas, passando da dominação para a benevolência, do conflito para a harmonia, do sobrepor-se e impor-se para o *com-pôr-se*, da guerra para a paz, da exploração para o respeito, do secularismo destrutivo para a sacralidade reverente.

A mística do Cântico profetiza exigências: sem transformar o antropocentrismo fechado e absoluto em aliança cósmica, nada se conseguirá de permanente. A primeira lição não é a da superioridade do ser humano em relação ao cosmos, mas imprimir a práxis da solidariedade cósmica. O que implica uma reinterpretação, sob o paradigma evangélico e franciscano, radical da visão bíblica de tudo que foi feito para o ser humano.

Tudo foi criado para uma imensa e cósmica fraternidade cósmica, na qual a pessoa humana tem o papel fundamental de ser-lhe a consciência, a responsabilidade ativa. O hino da criação antecede o ser humano e persiste para além dele, que é capaz de cantá-lo na consciência e liberdade. Mas não o compõe. Seu compositor é o Criador<sup>1120</sup>.

<sup>1119</sup> Cf. CHESTERTON, G.K. São Francisco de Assis. A espiritualidade da paz. *Op. Cit.* p. 85.

<sup>1120</sup> Cf. LIBÂNIO, J.B. Eu creio. Nós cremos. Tratado da fé. *Op. Cit.* p. 400.

Vencer toda a arrogância para a abertura participativa sob as experiências religiosas para uma perspectiva mais ampla de convivência, em consonância com o espírito do tempo, em direção a uma mística da totalidade.

### 7.2.1.

#### **Eco-mística contemplativa: ser e sentir-se criação**

Impõe-se como condição *sine qua non* para a continuação da existência humana a experiência amorosa com Deus, com o respeito à vida, à criação, a justiça para com a pessoa do próximo (cf. Lc 10, 29-37). Não há amor verdadeiro sem ‘integração’ com a força da misericórdia de Deus e sua ação criadora, o que constitui a harmonia com a criação. Vislumbramos a destruição da vida em todos os seus aspectos, uma crise ecológica sem precedentes que implica diretamente a uma conjunção de solidão: a ausência da intimidade com o amor de Deus em nós, a perda da mística da revelação do mistério na criação, graves consequências para a vida do cosmos. Reverter este processo de desintegração e fragmentação são o desafio e a vocação do ser humano ou a sua morte antecipada.

Com a mística despertada do Cântico surge a urgência em despertar para uma mística ecológica da criação, que pontue e recorde a imanência de Deus no mundo. A experiência da criação como comunicação do amor de Deus. O Deus Criador, Deus-Amor, presente em cada uma das suas criaturas e na comunhão da criação inteira. Numa relação recíproca, fundada no amor e na iniciativa divina, Deus está presente no cosmos e o cosmos está presente em Deus. A presença de Deus penetra todo o universo. Uma eco-mística, concebida na perspectiva da cosmovisão ecológica, lança-nos dentro do mistério da imanência de Deus. Aqui falamos de um “*pan-en-teísmo*”<sup>1121</sup>: tudo em Deus e Deus em tudo<sup>1122</sup>. O *pan-en-teísmo* parte distinguindo, embora

<sup>1121</sup> Cf. TAVARES, S.S., Trindade e Criação. *Op. Cit.* p. 182-184, ainda: “Pois a bem da verdade, a criatura não é o ser de Deus, nem Deus o ser da criatura, não apenas por ser um finito e outro infinito, mas porque o sentido do ser que vigora, em tal caso, não faz juz nem a Deus nem à criatura” p.182.

<sup>1122</sup> O anenteísmo que é trinitário compreende Deus como inteiramente outro para as criaturas e, justamente como tal, como radicalmente interior a elas, que compreende a imagem espacial de todas as coisas em Deus com analogia adequada, mas limitada, que concebe o Criador como capacitando as criaturas a ter a sua própria autonomia e integridade, que vê a criação como um ato livre de autolimitação divina e que compreende a criação como um relacionamento que tem

sempre relacionando, Deus e as criaturas. Um não é o outro. Cada qual possui sua autonomia ‘relativa’, quer dizer, sempre ‘relacionada’. Deus está presente em tudo e tudo está em Deus<sup>1123</sup>.

Deus está presente no cosmos e os cosmos está presente em Deus. A teologia antiga expressa esta mútua interpenetração pelo conceito *pericórese*<sup>1124</sup> que significa exatamente interpenetração de um no outro. Com o termo *pan-en-teísmo*, a teologia quer dizer: Deus em tudo e tudo em Deus. Mas tudo não é Deus. Deus está em tudo e tudo está em Deus. Pelo facto da criação, Deus deixa sua marca registrada e garante sua presença permanente na criatura (por providência). A criatura sempre depende de Deus e o carrega dentro de si. Mesmo um não sendo o outro, implicados em comunhão e mútua presença. O universo em cosmogênese nos convida a vivermos a experiência que subjaz ao *pan-en-teísmo*: em cada mínima manifestação de ser, em cada expressão de vida, de inteligência e de amor, estamos às voltas com o Mistério do universo em progresso. Deus cria por meio de processos naturais que capacitam a evolução de um universo portador de vida, portanto, um Deus comprometido com a integridade dos processos naturais. O ser humano em sua experiência mística, sensível ao sagrado e ao Mistério testemunha: “Pois é Nele que nós temos a vida, o movimento e o ser, como disseram alguns poetas: Pois nós somos de sua raça” (At 17,28)<sup>1125</sup>.

Quando Francisco no seu hino às Criaturas compreende os elementos cantados, elementos da natureza como expressão da sua experiência mística de Deus Criador, deseja exprimir sua linguagem a Deus, sua oração mística, quando os chama pelos nomes e em consequência de seus irmãos e irmãs, não deseja absolutamente que tais criaturas sejam divinizadas, o que seria uma reação do tipo panteísta, mas naturalmente, como já afirmamos, *pan-en-teísta*. E não confunde Criador e criaturas, mas compreende sua relação, suas reciprocidades, sinergia e suas diferenças que faz pensar à *pericórese*. Sublinha assim a pluralidade, a alteridade própria, o diálogo e a unidade entre as

---

impacto em Deus, assim como na criação. Cf. EDWARDS, D., *Sopro de vida: uma teologia do Espírito Criador*. São Paulo: Loyola, 2007, p228-231.

<sup>1123</sup> Cf. VIERA, T.P., O nosso Deus: um Deus ecológico. *Op. Cit.*, p. 53-54.

<sup>1124</sup> Expressão grega que literalmente significa uma Pessoa conter as outras duas (em sentido estático) ou então cada uma das Pessoas interpenetrar as outras e reciprocamente (sentido ativo); o adjetivo pericorético quer designar o caráter de comunhão que vigora entre as divinas Pessoas

<sup>1125</sup> Cf. BOFF, L., Ecologia: teologia e espiritualidade. *Op. Cit.*, p. 156-158.

criaturas, à semelhança da unidade do Criador, a Santíssima Trindade<sup>1126</sup>. Como ensina Leonardo Boff: “Na criação trinitarizada brincaremos e louvaremos, amaremos o Pai, o Filho e o Espírito Santo e seremos por Eles amados, louvados e convidados a brincar e a cantar, a bailar e a amar pelos séculos dos séculos, amém”<sup>1127</sup>.

As reflexões teológicas aqui desenvolvidas, na perspectiva do Cântico, embasam uma mística ecológica, quer dizer, uma experiência de intimidade com Deus em contato com as criaturas, com todo o universo. É a mística que experimenta e trabalha com emoções profundas, quando passamos da cabeça ao coração, então percebemos transbordar em nós o ser e o sentir-se criação. Não como pensar Deus no universo, mas como sentir Deus presente em todas as coisas, é a eco-mística, inspirados em Francisco, ele nos acompanha à experiência afetiva também a nos mistificar para dentro do coração do ser mesmo de Deus, através da experiência de criatura e com as suas criaturas.

Creemos que uma boa porta de entrada para uma experiência mística ecológica e cósmica é a visão do globo terrestre, do cosmos que transmite uma experiência de sacralidade e de veneração. Na perspectiva da vida no planeta, nossa irmã e mãe terra, dependurado no fundo negro do universo, pequeno e frágil, mas cheio de evocações. Ao contemplar a terra o ser humano desperta para a compreensão de que ele e a terra formam uma unidade e que esta unidade pertence a uma outra maior, à solar, e esta à outra ainda maior, a galáctica, e esta nos remete ao inteiro universo e o inteiro universo nos reenvia a Deus, seu Criador e condutor. É esse todo que vem eco-misticamente sentido como o tempo do Espírito e como pertencendo à realidade assumida pelo Verbo, a vida em estado de contemplação permanente.

O louvor universal por todas as criaturas, reconhecidas como dons e presentes do mesmo Criador, símbolo do canto ao Criador cuja presença descobre no mundo o olhar contemplativo do cantor. O olhar de Francisco aprofundado pelo despojamento, pela pobreza, pela provação, pela assídua contemplação se sente criação, na criação o seu ser suspenso, arrebatado pela graça do Criador, pelo amor, descobre na realidade dimensões profundas

<sup>1126</sup> Cf. GANOCZY, A., Dieu, l'Homme et la Nature. Théologie, mystique, sciences de la Nature. *Op. Cit.* p. 223.

<sup>1127</sup> BOFF, L., *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.277-278. Ainda: “No princípio está a comunhão dos Três, não a solidão do Um” p. 23.

ocultas aos olhos superficiais, funcionais, possessivos, e vê que tudo o que existe, descrito em toda a sua riqueza mediante os mais felizes adjetivos, repousa em Deus<sup>1128</sup>.

A contemplação transformada assim em louvor é o resultado da perfeita sintonia da raiz divina do contemplativo com a presença de sua fonte criadora que é Deus, da qual procedem a maravilhosa beleza e bondade da realidade do cosmo, interior ao sentimento do místico das criaturas.

Sentir com o coração a globalidade do ser, vivenciar o sentimento que fremente, perceber a inteligência que se alarga infinitamente e o coração que se inunda de comoção e ternura: eis fazer uma experiência fundante eco-mística profunda, como todos os caminhos e experiências espirituais, também a eco-mística vive de fé, de esperança e de amor.

Na eco-mística a fé nos faz entender que nosso trabalho de cuidado e de preservação de nosso belo planeta, por extensão todo o cosmos, é incorporado no trabalho do Criador, que em cada momento sustenta e mantém no ser a todos os seres portanto, também nós somos co-criadores. Na compreensão eco-mística a esperança nos assegura que apesar de todas as ameaças de destruição que a máquina de agressão da espécie humana montou e utiliza contra a vida, o futuro bom e benfazejo está garantido porque esse cosmos e essa terra são do Espírito e do Verbo de Deus, “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”. Algo do nosso universo e da nossa humanidade pessoal e criativa, masculina e feminina já foi eternizado, já penetrou os umbrais da absoluta realização dinâmica, já está no coração da Trindade. E por fim, na perspectiva da experiência eco-mística o amor nos leva a identificar cada vez mais com a vida, com a terra, com o infinito que nos cerca, na fraternidade e sororidade do universal abraço de irmãos e irmãs, pois o amor é a grande força recriadora que tudo integra do universo, este amor resumo de toda ética libertadora, o primeiro e síntese de todos os mandamentos (cf. Mt 22,34-40; Mc 12, 28-34; Lc 10, 25-28).

Francisco atualiza o amor de Deus por todas as criaturas, é uma referência para a atualidade da misericórdia, ele vive a mística ecológica e cósmica ao extremo da sua observância e compaixão. Consegue ver em cada ser da criação um irmão e uma irmã. Humildemente se coloca junto deles e jamais sobre eles, vive a radical e profunda comunhão de identificação e de

<sup>1128</sup> Cf. VELASCO, J.M., *Doze místicos cristãos. Op. Cit.* p. 69.

exemplar comoção. É urgente essa mística nos dias atuais ela nos ajudará a cuidar da terra e de tudo o que contém. Ela nos permite também experimentar Deus na forma como Ele quer ser encontrado, conhecido e servido. Nesta fase histórica que nos trouxe um estado de consciência novo, nos munuiu de conhecimentos sobre o universo e sobre nossa particular e urgente missão dentro dele.

### 7.3.

#### **A mística da fraternidade solidária com o cosmos**

A mística de Francisco, a vida de convertido e fiel ao Evangelho do Pai, Jesus Cristo (cf. Mc 1 14-15; Mt 4,12-17; Lc 4,14-15), faz da sua obra poética a afirmação da mesma e atuante presença fraterna, amorosa bondade de Deus no mundo. O mesmo desejo de reconciliação vivida por ele é expresso em ambas as partes do Cântico, na primeira, pela celebração fraterna dos elementos cósmicos, e na segunda, pelo místico louvor do perdão e da paz. E a fraternidade última a ser realizada com o Criador, autor da vida, na desapropriação da profunda pobreza e liberdade na morte. Estamos em presença de dois modos diferentes de expressão da mesma experiência espiritual, a fraternidade mística solidária com o cosmos<sup>1129</sup>.

A mística de Francisco, louvor a Deus numa humilde fraternização, unido a todas as criaturas, é a expressão duma profunda desapropriação de si mesmo, desapego total. O Cântico desemboca nesse despojamento total de si mesmo. Francisco expressa o desapego do próprio eu e está totalmente aberto ao Ser de Deus. Vive mais na vontade de Deus que em si mesmo e é neste ser que ele está em sua casa. O seu canto é o do Ser de Deus. O Cântico é a mais alta afirmação que se possa fazer do valor do ser e da vida, tais como nós os recebemos das próprias mãos de Deus Criador.

É a expressão de todo esse abandono de si mesmo e o voltar-se para Deus como o Ser em plenitude que antecipa a esperança da glória futura. Na

---

<sup>1129</sup> Cf. LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 131.

esperança<sup>1130</sup> a salvação se faz presente e antecipamos, no mistério, o encontro com o Ressuscitado<sup>1131</sup>. O centro da gravidade da existência é deslocado.

O Cântico e a vida de Francisco brotam da alegria e da certeza do Reino que se apresenta como uma imensa e preciosa transfiguração deste mundo. O ser humano aberto a todas as criaturas, no acolhimento fraterno até mesmo da irmã morte<sup>1132</sup>.

A utopia<sup>1133</sup> humana, o futuro que julga o presente, é a força que, da interioridade da vida, do tempo, empurra para adiante. Se o futuro é a utopia, o presente é a possibilidade. A partir das carências do seu hoje e seus sinais de vida, é esse possível que entusiasma o ser humano a semear entre brumas, viver a esperança da sementeira e ser capaz de acendê-la no coração. O Cântico é uma proposta para o ser humano celebrar a fraternidade cósmica da criação, e novamente, com sua aguçada sensibilidade mística Francisco nos lega mais uma jóia da poesia religiosa escrita na língua dos pobres, para a comunicação da bondade de Deus. Se é um momento poético de rara inspiração, mais ainda é um canto que brota da felicidade; da felicidade de amor, de ver, de sofrer, se preciso, da capacidade de perdoar. Neste Cântico a tradução fiel da sua mística voltada para o Criador e para as suas criaturas, Francisco de Assis mostra-se de um modo autêntico, é muito disponível ao desvelar o seu ser por inteiro entregue na vontade do “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”.

<sup>1130</sup> Francisco se revela homem da esperança nos seus louvores, apte a sua plenitude. E a sua experiência mística se revela como sinal e profecia desta esperança e desta realidade da salvação destinada a atingir todos as pessoas de todos os tempos. Como homem de um outro mundo, pode convidar todas as criaturas ao louvor, a viverem a esperança, porque o Deus fiel cumprirá a salvação, e na alegria, como homens e mulheres do futuro, antecipando este mesmo futuro já no tempo. Esta esperança de Francisco é sinal para o ser humano de hoje que se mostra aberto à dimensão escatológica com relação ao futuro da vida do planeta e que se apresenta como uma pessoa que necessita desta mesma esperança. Cf. DEL ZOTTO, C.B., Século. In: *DF*, p. 703

<sup>1131</sup> Cf. POMPEI, A., Novíssimos. In: *DF*, p. 478-479.

<sup>1132</sup> Cf. LECLERC, E., O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 139-146.

<sup>1133</sup> Para uma visão histórica, etimológica, as várias tipologias e dimensões das utopias, inclusive as utopias bíblicas, utopia e esperança cristã, remetemos ao texto: LIBÂNIO, J. B., *Utopia e esperança cristã*. São Paulo: Loyola, 1989: “Tanto as dimensões utópicas como a ética pertencem à estrutura humana profunda” p. 189; Sobre a função da utopia na vida espiritual: SPINSANTI, S. Utopia. In: *DE*, P. 1163-1167; Para a Utopia no pensamento cristão: GIMBERNAT, J.A. Utopia. In: *DCFC*, p. 869-873; Esperança e utopia no texto emergencial de Jon Sobrino, o autor afirma: “a pós-Modernidade desprestigiou a utopia, aos pobres a resignação, a crueldade de nossa civilização: condenar as maiorias a viver sem esperança, quase como no-lo lembra Dante às portas do inferno: “Deixai toda esperança, vós que entraís neste lugar”. SOBRINO, J. *Fora dos pobres não há salvação*. Pequenos ensaios utópicos-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 125.

A partir da mística da confraternização universal cósmica Francisco contempla todas as coisas com sumo respeito e veneração. Chega a pedir aos irmãos que não cortem totalmente as árvores, para que elas possam brotar de novo; no inverno dava mel às abelhas, porque sofria vendo-as inquietas e famintas. Nele irrompeu a ternura como atitude fontal do encontro com todas as alteridades. Nele predominavam o Eros e o Pathos - esta capacidade de sentir e de vibrar diante do valor das pessoas e das coisas - sobre o Logos, como estrutura de compreensão da realidade. É neste horizonte que a sua figura fulgura como referência e antecipação. O coração ganhou com ele o seu direito, como forma sutil e profunda de conhecimento. O conhecimento cordial não nos distancia das realidade; antes, possibilita-nos estabelecer comunhão e amizade com elas. Essa é a dimensão ecológica exterior em Francisco<sup>1134</sup>.

Francisco elabora uma ecologia interior ou ecologia do espírito, no aspecto da experiência mística<sup>1135</sup>. Nos seus Escritos, Orações e Hinos percebem-se o entusiasmo e o brilho que o Universo cosmológico produz na sua experiência do cosmos e de Deus. No fim da vida compôs o Cântico, esta peça do mais alto êxtase cósmico, para cantar a criação de Deus nos, elementos que já não contempla com os olhos praticamente cegos. Mas estavam no seu interior como símbolos e arquétipos da absoluta integração mística da fraternidade cósmica. O hino celebra o matrimônio cósmico do céu e da terra - o sol/ a lua, o vento/ a água, o fogo/ a terra -, do ser humano que está envolvido com todas as coisas e com o Deus Criador. Bem escreveu o filósofo Paul Ricoeur: “Eu me auto-expresso ao expressar o mundo e exploro minha própria sacralidade quando procuro decifrar o mundo”<sup>1136</sup>. Portanto, o místico, na sua

<sup>1134</sup> Cf., BOFF, L., *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 67-68.

<sup>1135</sup> Esta ecologia mística cósmica é referente à intuição espiritual que possui a vida como centro, em sua profundidade misteriosa constituída pelo tempo e pela eternidade, pelo espaço e pela inespacialidade, pelo dinamismo imanente e pelo dinamismo transcendente. Isso significa criar uma mística e integração dos seres, capaz de compreender e aprofundar o dinamismo da totalidade real de um mundo das diferenças unificadas – e não uniformizadas -, de uma ordem enormemente relacional, de um ‘holomovimento’ no qual tudo implica tudo e nada existe fora da relação dos seres de um único universo. Cf. GONÇALVES, P.S.L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. In. TRASFERETTI, J. E GONÇALVES, P.S.L., (org) *Teologia na Pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 289.

<sup>1136</sup> Apud., BOFF, L., *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. *Op. Cit.*, p. 68.

cósmica experiência fraterna, realiza a dinâmica do testemunho eloquente dessa verdade ecológica<sup>1137</sup>.

É um desafio para o ser humano da pós-modernidade, com mentalidade científico-tecnológica, compreender em sua verdadeira profundidade a relação franciscana com os seres irracionais, mormente com as realidades materiais. Vivemos numa sociedade que nos ensina olhar e valorizar as coisas como simples objetos, comparando-as a utensílios que podem ser desmontados peça por peça para que seu segredo seja conhecido como um relógio. Com isso visa-se poder controlá-lo e colocá-lo à disposição de nosso projeto utilitarista. Nossa atitude diante das coisas da natureza e das realidades cósmicas está na linha do experimentar, conquistar e possuir incondicionalmente. Esta vontade de poder e de domínio dificilmente poderá compreender a atitude de Francisco diante de toda a criação, baseada em sentimentos de simpatia, de admiração e de comunhão celebrativa. Sentimentos estes que excluem o princípio de dominação. É a atitude de acolhimento que desmascara a vontade de resistência, permanência, imobilismo e de posse, ela personaliza os seres irracionais e as coisas e não oferece espaço para a instrumentação do criado.

A utopia franciscana aponta a projetar uma nova ordem mundial: uma nova economia à escala humana, uma melhor qualidade de vida do ser humano, um caminho para a conservação das espécies em extinção, especialmente o ser humano, uma comunidade cristã mais evangélica.

### 7.3.1.

#### **A utopia de Francisco: esperança e compromisso**

A mística san-franciscana pede, reclama a utopia. São Boaventura concebe o ser humano como uma tarefa inacabada. Daí sua condição de peregrino. O ser humano situa-se em uma história e também em uma natureza

<sup>1137</sup> Com efeito reflete a teóloga Lúcia Pedrosa de Pádua: “A espiritualidade cristã é vida no Espírito, e vida em sentido dinâmico. A teologia espiritual pós-conciliar enfatiza que a vivência cristã diz menos respeito a uma perfeição idealizada do que ao processo multidimensional de acolhida da vida plena oferecida por Jesus Cristo. Assim sendo é necessário afirmar que o dinamismo espiritual deve integrar os diversos aspectos da experiência humana, como a vida interior e a corporeidade, bem como os diferentes elementos da vida: social e política, realidades familiares, comunitárias, ecológicas...” PADUA, L.P., Espaços de transcendência: a integração dos espaços estético, ético, interpessoal e interior na experiência de Deus. In: BARROS, P.C. (org.) A serviço do Evangelho. Estudos em homenagem a J.A. Ruiz de Gopequi, SJ. São Paulo: Loyola, 2008, p. 140.

tencionada para o futuro, este futuro como posse do Reino de Deus. O acontecer humano decifra-se a partir de uma perspectiva de esperança, e está orientado para uma plenitude que só pode ser desenvolvida no futuro. O itinerário do místico e da mística cristã é uma ascensão gradual e progressiva até desembocar em Deus. Também a criação e a dialética da história encaminham-se para esse Absoluto. Em razão dessa opção, esperar esse futuro implica uma opção intencional e existencial que já desde aqui e desde agora se orienta para o ainda não definitivo. A vida humana estrutura-se em função de um futuro que se vive hoje, no compromisso, na solidariedade, na radicalidade das exigências do Reino de Deus<sup>1138</sup>.

O Senhor aparece em sua obra como a grande consumação da história. A força mística, oculta, mas operante na criação e na história, haverá de manifestar-se no final dos tempos como realidade definitiva e última. Por isso o místico cristão espera e crê, confia, apesar de todos os horrores e aberrações, no ser humano e no mundo, no ser humano. Essa fé faz com que tente não só todos os possíveis, mas também o aparentemente impossível, a utopia. Esperar, portanto, é o mesmo que agir. Exige um compromisso por melhorar o presente em função do futuro que vem.

Colocados diante das realidades de hoje, muitas vezes desoladoras, nós contemplamos o que esperamos. Contemplamos na esperança um mundo melhor. Tomamos então consciência de que não só o ser humano é algo a ser realizado, mas também a sociedade o é. Se a pessoa é desejo como vive Francisco (cf. Ad 7,2.3.4;19,4; Ord 14.15.22;RNB 10,3; 12,5;17,16;22,20; 23,8-11; RB10,8), esse desejo é provocado por um futuro, por uma utopia<sup>1139</sup>.

<sup>1138</sup> BORMIDA, J. Legado franciscano em América Latina. In: MOREIRA, A. S. (org) São Francisco e as Fontes Franciscanas. *Op. cit.* p. 117-144. O autor faz um primoroso e de longo alcance estudo sobre o legado franciscano na América Latina a partir da utopia da não-propriedade, ou como afirma: propriedade para todos, apontando para uma nova ordem mundial, sob o modelo da gratuidade, cultura da vida, o olhar e a bondade de Deus sobre todas as criaturas agindo no olhar do ser humano.

<sup>1139</sup> Muito oportunamente, destacando esta provocação do desejo, da sensibilidade, marcas da humanidade da utopia de Francisco, escreve Maria Clara Bingemer: “O passado da teologia é fortemente marcado por um primado da racionalidade. Desde o momento em que se divorciou da espiritualidade que lhe dava flexibilidade, beleza e movimento, a teologia correu o sério risco de enrijecer-se e absolutizar a razão como única mediadora universal para o seu pensamento e seu discurso. Tornou-se, assim, muitas vezes, sisuda e fria, sem dar conta de tudo aquilo que forma as outras dimensões fundamentais da vida humana e também, portanto, da vida divina que dela é matriz e modelo: a sensibilidade, a gratuidade, a experiência, o desejo. O passado da teologia é marcado, portanto, por esse primado quase absoluto da racionalidade e para isso teve uma considerável influência o fato dessa mesma teologia ser feita

Caminhar para a utopia não como fuga das realidades em que se vive. É adquirir uma sadia atitude crítica do que é, do que há e do que deverá ser, interpelado por uma mística criativa como compromisso que se alimenta de esperança, e a esperança que se nutre de utopia. Esta utopia é o ponto de referência da pessoa peregrinante, situada e comprometida na realidade de hoje. É certo que muitas vezes o ser humano conspira contra a utopia do Reino e que muitos elementos dela podem vir a ser meta-históricos. Mas esse ir caminhando para essas metas, mesmo quando inalcançáveis, acerca da criatura humana para a plenitude, torna o mundo mais habitável, mas fraterno. A utopia de Francisco acolhe toda a utopia que gesta o coração humano e é uma forma diferente de viver neste mundo, ao qual se quer transformar para que nele todos os homens e mulheres, todas as criaturas possam habitar fraternalmente.

Somos conduzidos a compreender que a utopia da mística de Francisco é vivida, portanto, no presente. Demanda uma conversão: esta gera um novo estilo de vida aqui e agora. Não se esperam as mutações<sup>1140</sup> futuras, mas mudanças a partir de hoje em função delas. Isso, como a liberdade e a mística que a caracteriza, diferencia-a de outras utopias. A utopia proposta por Francisco é feita com a liberdade, criatividade e originalidade dos que a querem viver. Não constitui um modelo preso em formas geométricas cristalizadas, mas em um viver aberto à novidade do futuro. Não é um modelo definitivamente pronto, fechado às iniciativas do Espírito Santo e à livre criatividade das pessoas<sup>1141</sup>.

---

quase que exclusivamente por homens”. BINGEMER, M. C. L., O segredo feminino do mistério. *Op. Cit.*, p. 55-56.

<sup>1140</sup> Compreendo estas mutações utópicas como passagens de um estado de coisas a outro – passagens muitas vezes indefinidas do ponto de vista conceitual -, que nos deixam à deriva, quando as trilhas são pouco visíveis ou pouco confiáveis, em particular se elas foram abertas, com acontece hoje, não propriamente pelo trabalho do pensamento, mas pela técnica, o que marca, pelo menos até agora, certa resignação do saber diante do poder da ciência. Isso não quer dizer que, antes, tínhamos muita certeza de onde estávamos e para onde íamos. É preciso construir, pois, novo itinerário, uma vez que já não temos nenhuma garantia de retorno aos velhos roteiros e uma vez que o positivismo da técnica, por vezes, tem nos indicado caminhos falsos. Cf. NOVAES, A., Herança sem testamento? In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações. Ensaios sobre as novas configurações do mundo*. São Paulo: edições SESC-Agir, 2008, p. 11-13.

<sup>1141</sup> A utopia ou a esperança escatológica da Idade Média foi secularizada e transformada em utópica abertura do horizonte de expectativa a partir do conceito de progresso. O paraíso foi deslocado da transcendência pós-morte para o futuro no interior da história, mediado pelo progresso tecnológico. A modernidade seculariza e dessacraliza as coisas, descentrando-as e dispersando-as. Cf. LOPES, C.J., Pobreza, miséria e exclusão. Por um cristianismo sensível. In: *REB* 274 (2009), p. 335.

Não é um mundo fechado à transcendência. Sabe também que sua utopia no ‘entretanto, não é isenta de pecado. Não confunde utopia com a plenitude do Reino de Deus, mas crê que este ‘vem vindo’. Por isso sua atitude utópica é iluminada pela mística da esperança e aberta à transcendência. Não somos interpelados a caminhar sobre um círculo fechado, mas em campo aberto, sob o impulso do ‘irmão vento’, símbolo da presença recriadora do Espírito de Deus que é amor e esse amor “ele tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,7)<sup>1142</sup>.

A utopia de Francisco, expressa no seu Cântico de amor e fraternidade cósmica, não perde a sua força, cresce em movimento de resistência enquanto ‘outro mundo é possível’, se envolvem aos sinais da utopia do Reino entrelaçados ao que canta o bispo-poeta Dom Pedro Casaldáliga que continua fazendo profissão de fé: “A utopia é necessária como o pão de cada dia, e ainda, o formula com audácia, Os cristãos somos um exército e derrotados de uma causa invencível”<sup>1143</sup>.

A utopia de Francisco se traduz na mais concreta esperança e compromisso com a liberdade de realizar a vontade do Senhor. A partir da dependência reconhecida à condição natural Francisco chega à altíssima senhora liberdade que consiste em fazer, junto com toda a criação, a vontade de Deus, que é a realização plena e conjunta de sua condição fraterna como filhos de Deus<sup>1144</sup>. Reconhecendo-se filho e irmão, alcança-se a liberdade ao se realizar como tal superando os obstáculos que se opõem a isso: o endeusamento orgulho e a cobiça não solidária. Mas estas realidades passam ao largo da experiência mística do cantor de Assis, arrebatado em compromisso de fidelidade, até o fim, com Aquele que o envolve em seu definitivo Cântico de vitória.

<sup>1142</sup> Cf. CAYOTA, M., Semeando entre brumas. *Op. Cit.* 234-235.

<sup>1143</sup> Apud. SOBRINO, J. Fora dos pobres não salvação. *Op. Cit.* p. 125.

<sup>1144</sup> Cf. TRIGO, P. Criação e história. *Op. Cit.* p. 186-187.

### 7.3.2.

#### **As criaturas: expressão mística da fraternidade cósmica**

O místico Francisco na perspectiva e expressão do Cântico não fraterniza comente com seus semelhantes, mas com todas as criaturas. E quando dá o nome de irmão ou irmã aos próprios elementos materiais não se deve ver nisso uma maneira meramente alegórica de falar. É que, na verdade, nos provoca a experimentar sentimentos fraternos para com essas humildes realidades; existe entre elas e nós uma real comunhão afetiva, pois a força do amor “o tornara irmão das criaturas” (2Cel 172,1).

Compreendamos bem esta comunhão, ela não provém de um vago sentimentalismo; corresponde a uma intuição essencial, muito profunda: para Francisco, todas as criaturas tiveram sua origem no mesmo amor do Criador; elas são a expressão diversificada desse amor. Essa comunhão de origem é, aos seus olhos, o fundamento da grande fraternidade cósmica. Essa intuição não é só uma visão teórica, ela é experimentada em todas as fibras do ser e dá lugar a uma verdadeira emoção amorosa cósmica e a um arrebatamento místico da alma, em experiência incessantemente renovada e recriadora<sup>1145</sup>.

Abrindo-se ao mundo, colocando a si mesmo entre as criaturas, como irmãos ou irmãs, o ser humano se abre igualmente àquela parte obscura de si mesmo que imerge na natureza; fraterniza inconscientemente com suas próprias profundezas. As realidades materiais, impregnadas de valores íntimos inconscientes, tornam-se símbolos das forças primitivas da alma. Para esta intimidade de relação, que resulta em reconhecimento e comunicação, implica entender o universo simbólico do outro. Grande parte da comunicação é simbólica. Os símbolos são carregados de significações e ressonâncias, nem sempre fáceis de ser captados, pois conservam e comunicam experiências seminais. Estabelecem e permanecem numa espécie de comunhão que vai muito além de qualquer compreensão.

<sup>1145</sup> “Na sua obra sobre A Evolução Criadora, declara Henri Bérson que os mais duradouros e mais fecundos de todos os sistemas filosóficos são aqueles que têm como base a intuição... pode ser percebida e sentida por uma consciência concentrada que se volta sobre si mesma e a sua origem... nascida talvez duma experiência pessoal magistralmente apreendida e aprofundada, ou quem sabe duma crise de alma liberadora.” HALLSTRÖM, P., Discurso de recepção pronunciado por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de Literatura a Henri Bergson. 10 de Novembro de 1928, Apud., BERGSON, H., *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964, 17.

Através da substância fraterna dessas realidades, é consigo mesma que a pessoa se ocupa, com aquilo que ela tem em si mesma de inexplorado e que também quer nascer. Abrir-se ao mundo das criaturas é possibilitar que o mundo o abra a si mesmo. As grandes imagens cósmicas, o ‘irmão sol’, a ‘irmã lua’, o ‘irmão vento’, a ‘irmã água’, exprimem – já o demonstramos – não só uma comunhão com os próprios elementos, mas ainda, através destes elementos, uma comunhão da alma com a sua própria ‘arqueologia’ e com a ‘arqueologia’ de toda a humanidade a reviver as primitivas experiências afetivas da humanidade. O poema do Cântico é a proposta de síntese para o ser humano entre a arqueologia interior e a ecologia exterior. O modo-de-ser-com-as-coisas inaugurado por Francisco resultou numa total reconciliação paradisíaca do ser humano com seu universo, reconcilia-se a arqueologia íntima com a ecologia exterior mediante um mergulho abissal no mistério de Deus. No Cântico temos o testemunho desta sinopse preciosa. E o mundo fraterno e sororal com o qual o ser humano sonha conserva ainda o frescor do gênesis<sup>1146</sup>.

De fato Francisco não define jamais as criaturas como tal, mas considera o ser simbólico, compreende seu valor afetivo, que sustenta e suscita um comportamento. Em união a Deus graças à natureza fraterna, o pobre de Assis enriquece o seu amor e confere uma modalidade nova: seu Cântico não se exprime mais somente em uma melodia privada; ao contrário de uma orquestração particular, esta manifesta a harmonia profunda entre as criaturas e a existencial física<sup>1147</sup>.

Com a mística do Cântico faz Francisco, internalizar a verdade cristã de que todos somos filhos e filhas do mesmo Pai/Mãe eternos. A partir daí vivenciar de forma emocionada o laço de radical fraternidade/sororidade que nos une a todos os seres, da formiga do caminho à estrela mais distante, da partícula elementar mais ínfima à galáxia ou quasar mais gigantesco do universo. Daí resulta uma atitude de profunda veneração por cada ser da criação, atitude hoje indispensável se quisermos garantir a preservação e a integridade de todas as criaturas.

<sup>1146</sup> Cf. BOFF, L., *Virtudes para um outro mundo possível*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 30.

<sup>1147</sup> Cf. BERNARD, C. A., *Théologie Affective*. *Op. cit.* p. 69.

O louvor das criaturas inspirado, como já apresentamos, na literatura do livro dos Salmos e nos cânticos da Bíblia, principalmente no Cântico dos três jovens na fornalha: um projeto de vida que é pautado na oração bíblica. Mas apresenta alguns traços característicos próprios, desconhecidos na Bíblia: Francisco confraterniza-se com as criaturas, com os próprios elementos materiais. Não somente os chama de irmão ou irmã, mas prova realmente ter sentimentos fraternos para com eles. “Nunca se tinha visto, escreve o biógrafo Tomás de Celano, um tal afeto pelas criaturas” (2Cel 165)<sup>1148</sup>.

Segue-se nesta etapa, a harmonia mística da fraternidade cósmica, a ser atingida, no nível místico, identidade total ou de consciência de unidade e de identificação com a vida infinita, imutável. Esta é própria do santo e funciona em absoluta união com a realidade, fora de todo dualismo e de todo conflito, em perfeita harmonia com a natureza inteira<sup>1149</sup>.

Qual o significado desta fraternidade cósmica? Certamente não é do tipo *light* ou não está na linha do antropomorfismo. Sua fraternidade tem raiz numa intuição profunda. Está fundada no sentido da paternidade universal de Deus.

Acostumando a voltar continuamente à origem primeira de todas as coisas – escreve São Boaventura – (Francisco) concebeu por elas todas uma amizade extraordinária e chamava irmãos e irmãs às criaturas, mesmo as menores, pois sabia que elas e ele procediam do mesmo e único princípio (LM 8,6).

O Cântico, matriz da fraternidade cósmica, é o protótipo hino franciscano, que congrega e harmoniza entre si os seres para a composição do louvor. Isto não é casualidade, mas maturação de um processo de conversão em que o homem Francisco não se impõe às coisas, mas convive com elas e as serve ao mesmo tempo que as reúne, qual sacerdote da criação, para a celebração festiva dos louvores ao Senhor. E, cantando com elas, Francisco porta-se como o jogral de Deus no mundo, como ilustra a Legenda: “Que são, na verdade, os servos de Deus se não os jograis que procuram comover o coração dos homens até levá-los às alegrias do espírito” (LP 43)<sup>1150</sup>.

<sup>1148</sup> Cf. BRANCA, V. Il Cantico di frate sole. Studio delle Fonti e testo critico. *Op. cit.* p. 91-92.

<sup>1149</sup> Cf. GOYA, B. *Vida espiritual entre Psicologia e Graça*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 67. O autor afirma ainda: “Por isso, aqueles que, na reflexão, se debruçam sobre a idade adulta, como Jung e psicologia transcendental, insistem na necessidade do crescimento nos graus supremos da realidade humana, pois a incúria a seu respeito empobrece a personalidade”.

<sup>1150</sup> Cf. PALUDO, F. O louvor em São Francisco. *Op. Cit.* p. 66.

Por esta compreensão mística é que Francisco, com acentuado senso teológico, fala do sol, das estrelas, do vendo, da água, do fogo... como se fossem seus irmãos e suas irmãs. A seus olhos fraternos um único impulso de amor gera todos os seres e cria entre eles laços de estreito parentesco: “em cada uma das criaturas, como derivações, percebia ele com extraordinária piedade a fonte única da bondade de Deus” (LM 9,1). Tal intuição faz nascer nele simpatia e ternura universais que são como eco do próprio amor criador<sup>1151</sup>.

A harmonia mística ressaltada pelos hagiógrafos é uma das qualidades que mais caracteriza a personalidade e a vida de Francisco, um dos motivos mais fortes que explica a admiração e o fascínio que a figura mística de Francisco continua a exercer sobre as pessoas.

Depreendemos que o amor para com as pessoas é inseparável da atitude mais geral de ternura, de simpatia e de misericórdia para com a totalidade do ser e de suas manifestações, inclusive as mais naturais e as mais materiais. O desejo de reconciliação que inspira e caracteriza as relações humanas, corre paralelo com a fraternização, numa comunhão afetiva, muito profunda, com os mais humildes elementos cósmicos, é o que corrobora e ensina Moltmann:

Somente a visão de paz da reconciliação do universo abre o horizonte de esperança no qual natureza vulnerada pela violência humana pode ser sarada por uma história humana de paz. Se Cristo não morreu apenas para a reconciliação de homens, mas também de todas as demais criaturas, então cada criatura tem valor inestimável perante Deus e um direito próprio à vida, não apenas os homens<sup>1152</sup>.

Não basta dizer que o desejo de reconciliação com os seus semelhantes é acompanhado dum fraternização cósmica: ele passa, de certo modo, por esta humilde fraternização com as realidades da natureza, com todas as criaturas. É isto, certamente, que ainda espanta certos espíritos modernos e que exige explicação. De fato, para o ser humano da pós-modernidade, só o ser humano é ‘irmão’ do ser humano, enquanto todas as outras criaturas pertencem a um mundo de ‘objetos’ que podemos manipular, utilizar e dominar. A ciência, ao reduzir a nossa visão do mundo unicamente ao quantitativo e mensurável, habituou-nos a considerar a natureza das criaturas, fora do humano, como um campo de ‘objetos’, observa-se que a nossa presença no mundo se desenvolve sob o signo do dualismo: de um lado, lidamos com as pessoas; de outro lado,

<sup>1151</sup> Cf. LECLERC, E. Canto, cântico. In: *DF*, p. 75.

<sup>1152</sup> Cf. MOLTSMANN, J. O caminho de Jesus Cristo. *Op. Cit.* p. 343.

com objetos da natureza. E entre estes dois domínios estabelecemos uma separação radical, apelando para a transcendência espiritual, porém desencarnados, desenculturados. Crê assim o ser humano com espírito da pós-modernidade poder conciliar duas atitudes afetivas contraditórias: uma atitude de respeito, de acolhimento e de simpatia frente aos seus semelhantes, e uma atitude de agressividade, de conquista e de domínio frente ao conjunto das criaturas da natureza à sua volta, em relação à qual se julga infinitamente superior<sup>1153</sup>.

A infelicidade do comportamento dualista é o fato de não vislumbrar a consciência da experiência mística das criaturas diante de nós e fora de nós e mais ainda elas estão em nós. Somos indivisivelmente corpo e alma, liberdade e necessidade. O ser humano não é só a consciência de si mesmo, que teria certas relações acidentais com o cosmos, mas que poderia manter-se à parte na sua subjetividade fechada, em relação a outras puras subjetividades. Fechado em si mesmo, o ser humano coisifica e instrumentaliza todo tipo de relação. Predomina, na subjetividade fechada, a rejeição do outro como outro. Deus também é negado como outro e a natureza é vista unicamente pelo seu valor utilitário. O resultado é previsível: a subjetividade fechada instaura e desenvolve relações desumanizantes, leva à morte do ser humano e em consequências ao desastre ecológico<sup>1154</sup>.

Identificando-se com sua consciência e sua liberdade, o ser humano da pós-modernidade crê poder colocar-se acima do seu ser natural, fazendo *tabula rasa* de sua própria 'arqueologia' e de toda parte obscura de si mesmo, a qual imerge na natureza e em sua necessidade, mergulhado em si mesmo. Na realidade, ele não faz outra coisa, senão lançar fora, à obscuridade, forças que são suas próprias, mas que não quer reconhecer. Essas forças, contudo, continuam a sua ação no próprio interior da pessoa humana, no interior de sua alma. A atitude dualista do ser humano da pós-modernidade, opondo o humano ao natural, tem por consequências dividir e fragmentar a pessoa humana e, por isso mesmo, interdizer-lhe uma reconciliação total consigo mesmo e com os

<sup>1153</sup> CF. FUMAGALLI, E. San Francesco il Cantico, il Pater noster. *Op. Cit.* p. 55-56. Para um estudo da redescoberta da fraternidade cósmica com a criação, perspectiva da mística do Cântico: MANDONICO, A. "Ils possederont l'aterre" Dimension spirituelle de l'environnement. In: *Revue de l'Universite Catholique de l'Afrique de l'Ouest*. 25 (2005), p. 82-91.

<sup>1154</sup> Cf. RUBIO, A. G., Evangelização e maturidade efetiva. *Op. Cit.* p. 36-37.

seus semelhantes. O desejo de poder e a agressividade que o ser humano da pós-modernidade manifesta contra a natureza se volta, afinal, contra ele mesmo, contra a sua dignidade humana, causando-lhe subitamente um frenesi de violência contra os seus semelhantes, contra todas as criaturas, contra o próprio cosmos.

Totalmente diverso é o universo místico proposto no interior do Cântico elaborado na vida de Francisco. Não se encontra aí essa separação radical entre o mundo das pessoas e o restante das criaturas. No conjunto dos seres da natureza, o ser humano ocupa um lugar singular. Por um lado, é parte da natureza por seu enraizamento cósmico e biológico. É fruto da evolução que produziu a vida da qual ele é expressão consciente e inteligente. Por outro, se sobreleva à natureza e intervém nela, criando cultura<sup>1155</sup> e coisas que a evolução sem ele jamais criaria, como uma cidade, um avião e um quadro de Portinari. Neste universo, os seres humanos são objetos dum amor de predileção, é certo; mas este amor se insere numa imensa mística cósmica que faz com que se tornem irmãos e irmãs todas as criaturas<sup>1156</sup>.

Francisco é uma dessas raras pessoas que sabe viver a harmonia cósmica como a celebrou, no primeiro dia da criação, o ser humano ainda inocente. Francisco vive de modo singular a utopia da grande fraternidade cósmica, predita pelo profeta Isaías. Na realidade este homem totalmente messiânico contrasta com o comportamento de tantos seres humanos que ainda não ingressaram neste reino. As categorias cosmológicas e as atitudes existenciais dessas mesmas pessoas frente à natureza precisam ainda da redenção messiânica, ou seja, da grande reconciliação universal. O ser humano tem a missão de ser o guardião dos seres, seu cuidador e representante. Aqui reside sua dimensão ética, específica da espécie humana.

---

<sup>1155</sup> Cultura é póiesis ou produção material de objetos, tanto o hábito produtor, como a totalidade sistemática dos instrumentos do trabalho ou dos objetos produzidos. Também cultura é póiesis ou produção simbólica, como a expressão mística da produção material. Todo objeto cultural material é sempre símbolo, e todo símbolo diz relação ao material. A totalidade cultural simbólica de Francisco, manifestada no Cântico, significa a simbólica cultural mística da sua realidade e ao mesmo tempo a transcende. Cf. DUSSEL, E. *Ética comunitária*. Petrópolis: Vozes, 1987, 218-219

<sup>1156</sup> Cf. BOFF, L., *Homem: satã ou anjo bom?* Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 41.

#### 7.4.

#### **A confraternização com as criaturas: a democracia cósmica**

A confraternização das criaturas nasce, enquanto mística da libertação cósmica, nasce intimamente e relacionada com o tema da mística e política. A mística, neste aspecto nasce de uma experiência espiritual: o encontro com o Senhor no rosto dos pobres, no rosto da alteridade das criaturas ameaçadas de morte. A prática cristã, em seu objetivo único da construção do Reino de Deus, origina-se da mais autêntica experiência mística, desenvolve, alimenta e faz crescer essa experiência na medida em que se faz presente no mundo.

A mística é centrada para a teologia da libertação, sendo entendida como uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho. Maneira precisa de viver diante do Senhor em solidariedade com todos os seres humanos.

Os relatos mais antigos sobre Francisco são unânimes em afirmar: “pela reconciliação universal com cada um dos seres o tornava nova imagem do estado da inocência. E como por ela se movia ternamente a todos os seres”. (LM 8,1; cf. 1Cel 81-82). Todo o universo de Francisco está cercado de infinita ternura e ‘com o afeto de inaudita devoção, falando com elas (as criaturas) sobre o Senhor e exortando-as a louvá-lo”(2Cel 165). Transparece um outro modo de ser no mundo, não mais sobre as coisas, mas junto com elas, como irmãos e irmãs em casa, na casa comum, da democracia cósmica da fraternidade. A mística de Francisco recolhe uma experiência: todas as criaturas são animadas e personalizadas; existem laços de consanguinidade e de convivência respeitada e admiração<sup>1157</sup>.

Num pergaminho do convento do Monte Alverne, lá onde Francisco recebe em seu corpo místico os sagrados estigmas, conservou-se seu último adeus às criaturas. Está extremamente doente e prestes a morrer. Despede-se de frei Maseo, do irmão rochedo e do irmão falcão. Por fim diz: “*Io mi parto da voi con la persona, ma vi lascio il mio cuore*”, quer dizer, “eu me aparto de vós como pessoa, mas vos deixo meu coração”. Com efeito, o coração de Francisco significa um estilo de vida confraternizada às últimas consequências com todas as criaturas, do singular ao universal cósmico.

<sup>1157</sup> Id. São Francisco de Assis. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 50-51.

A mística de Francisco significa um estilo de vida, a expressão genial do cuidado, uma prática de confraternização e um renovado encantamento pelo mundo, pela democracia cósmica absoluta do seu coração em todas as coisas. Recriar esse coração nas pessoas e resgatar a cordialidade nas relações poderá suscitar no mundo atual o mesmo fascínio pela sinfonia cósmica do universo e o mesmo cuidado com a irmã e mãe terra como é paradigmaticamente vivido por Francisco<sup>1158</sup>.

São inegáveis, os avanços extraordinários das ciências da Terra (física quântica, cosmologia, biologia genética...) trouxeram uma nova visão do cosmos. Não é mais o mundo fechado e mecânico da cosmologia vinda de Newton e Galileu Galilei. Mas é uma visão dinâmica que vê todas as coisas emergindo a partir de um imenso processo amoroso, carregado de energias e informações e, principalmente, de propósito. Nós seres humanos temos nosso lugar no conjunto dos seres como aqueles que são portadores de consciência e de responsabilidade por tudo o que nos cerca. A confraternização universal atua em nós o amor de Deus, estabelecendo uma profunda conexão entre todos os seres e especialmente uma comunhão com o Criador, Fonte Originária da qual tudo procede, que tudo sustenta e que orienta todo o universo e cada um de nós em nosso percurso por essa terra.

Tal visão de mundo (cosmologia) propicia a emergência de uma mística cósmica, holística (que envolve todos os seres) e profundamente integradora com o todo e com Deus Criador de todas as criaturas. Nasce aqui uma nova experiência mística, uma nova experiência do sagrado e uma nova consciência do lugar do ser humano no universo. Mergulhados nesta visão irrompem sentimentos de pertença a uma grande todo, de reverência face à majestade e à complexidade do universo e de cada criatura, como também de gratidão pelo dom da vida.

O Criador enche o universo de possibilidades à confraternização de todas as criaturas, gerando sempre de novo a democracia cósmica, a unidade na pluralidade, anima todos os seres, está atuando dentro de cada um. Ele é a força amorosa, de comunhão e de união. Por isso, todas as criaturas estão enraizadas no Espírito Criador e em comunhão uns com os outros. Tudo vive dentro de uma teia complexíssima de relações; nenhuma criatura vive fora dela. Somos

---

<sup>1158</sup> Cf. Id. Saber Cuidar. *Op. Cit.*, p. 169.

irmãos e irmãs. Isto confirma o que Francisco sente: formamos a grande cadeia da vida, pois viemos do mesmo Útero Gerador de tudo, da Palavra que gera a vida. E para ela nos destinamos<sup>1159</sup>.

A fraternidade humana, de inspiração evangélica, se desdobra, em Francisco, numa fraternidade cósmica: sua fraternidade com os humanos, ele a vive dentro de uma unidade de criação. Esta fraternidade cósmica, porque mística, é vista como um transbordamento lírico de seu louvor ao Criador. A fraternidade cósmica de Francisco tem sua fonte própria<sup>1160</sup>. Está diretamente fundada a seu sentido da criação. E este sentido é incorporado numa experiência mística. Francisco, diante do Deus Altíssimo, toma consciência de sua condição de criatura e a aceita sem reserva. Só Deus é Deus. Tudo que existe é obra dele. Nós todos somos suas criaturas.

#### 7.4.1.

#### **A mística esponsal: união cósmica que tudo cria em Deus Criador**

A mística esponsal, a união com Deus se dá conforme a analogia do noivado, primeiro, e do matrimônio, depois, segundo o modelo proposto pelo Cântico dos Cânticos; portanto ela se move de um antecedente mais tipicamente bíblico. É o antecedente da aliança e da simbologia nupcial, que a exprime. A comunhão do ser humano com Deus é vista como a comunhão da alma (esposa) com o Esposo (Deus). Em suma, o símbolo nupcial exprime a experiência do ser unido a Deus, isto é, da comunhão cósmica da esposa-criatura mediante transformação no Esposo-Criador<sup>1161</sup>.

O encontro original e fontal de Jesus com Deus, “Altíssimo”, se constituem como modelo da mística, a fonte de toda a inspiração de Francisco.

<sup>1159</sup> Cf. BOFF, L. *Meditação da Luz*. O caminho da simplicidade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 14-26; o autor ainda afirma, em síntese antropológica claríssima: “O ser humano participa dessa condição, carregando consigo o caos e o cosmos. Por isso, mostra-se simultaneamente sábio e demente. Nele comparecem dimensões luminosas e dimensões sombrias. É seu lado dia-bólico que divide e o lado sim-bólico que une”.

<sup>1160</sup> “A fraternidade de Francisco, como foi tantas vezes assinalado, não se limita aos homens, estendendo-se, antes, à totalidade da criação divina. Desse amor universal na alegria, tão distante da soturna desconsolação da piedade religiosa até estão dominante, os *fioretti* nos dão numerosos testemunhos. Mas o maior deles é sem dúvida o Cântico do irmão sol e de todas as criaturas, que o santo escreveu no dialeto da Úmbria, pouco antes de morrer, inegavelmente uma das obras-primas da arte poética de todos os tempos”. COMPARATO, F.K., *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>1161</sup> Cf. BORRIELLO, L. Experiência mística. In. *DM*, p. 407.

A intimidade com Deus é apresentada primeiramente pelos profetas em linguagem esponsal (Os 2,16). No Apocalipse adquire uma dimensão escatológica, quando apresenta a Nova Jerusalém “vestida como Noiva enfeitada para o Esposo” (Ap 21,2). Francisco apaixonado por Deus, a quem busca com todo o coração, por causa desse amor, é também apaixonado pelos seres humanos e por todas as outras criaturas. A mística de Francisco consiste em admirar a beleza de Deus, na sua dimensão de sublime, de esplendor, luminosidade e atração, simbolizados pelos elementos cantados no Cântico, na paz conquistada pela reconciliação do perdão, a definitiva bem-aventurança encontrada na “irmã morte”<sup>1162</sup>. Toda a linguagem do Cântico nos conduz à beleza celebrada como ato de amor humano aberto. Quem seduz quem? Deixemo-nos seduzir por este Mistério.

Na Idade Média são muitas maneiras de classificar os elementos da natureza, por exemplo entre pesados e leves, mas ninguém teve a ideia de distribuí-los em masculinos e femininos. No Cântico surpreende esta organização em polaridades que se complementam. Francisco antecipa à experiência da fraternidade/sororidade transparente somente quando masculino e feminino estão reconciliados. A crise atual ecológica pode ser interpretada como uma falta de integração dos princípios masculino e feminino no próprio ser humano, na sociedade e no cosmos. A crise ambiental é fruto do desequilíbrio que se introduziu no ser humano e, como consequência, no universo<sup>1163</sup>.

A estrutura do Cântico revela a dimensão mística esponsal, prefigurando a união cósmica da unidade, através do símbolo arquetípico do masculino e feminino. Todos os elementos estão ordenados em pares, onde se combina o feminino com o masculino; sol-lua; vento-água; fogo-terra. Todos esses pares são englobados pelo grande casal, Sol-Terra, de cujo matrimônio cósmico

<sup>1162</sup> Entendido como sublinha, em nossos dias, a teóloga Lina Boff: “A consumação do ser humano e também sua justificação e purificação são, por mais quase exija como sujeito ativo, sobretudo dom, portanto, graça. A história tem um alvo, que é a plenificação do plano redentor do Pai, para salvar a humanidade inteira e redimir todo o cosmo. O alvo não é redimir a alma do corpo, o ser humano do mundo, mas a redenção do ser humano corporal, sua consumação *na e com* a consumação do mundo”. BOFF, L. A fé na ressurreição e a crença na reencarnação. In: MIRANDA, M. de F., (Org) *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002, p.141.

<sup>1163</sup> Cf. JUNGES, J.R., *Ecologia e criação*. *Op. Cit.* p. 62-63.

nasce todos os demais pares. Esta representação não traduz a ordem objetiva do mundo, mas a ordem de significação profunda<sup>1164</sup>.

A partir das relações entre os seres vivos mais complexos, que são os sexuados, nós podemos compreender metafóricamente todos os dinamismos da criação e, inclusive, da relação do Criador com a criação. Assim, também os céus e a terra podem ser compreendidos com a analogia esponsal do masculino e do feminino; e todos os outros binômios surgem na dinâmica sempre simbólica, metafórica, da fecundidade entre masculino e feminino. Sublinhamos, por fim, a lição implícita deixado pelo *poverello* de Assis: tudo na criação é esponsal, e quando é respeitada essa esponsalidade, tudo é fecundo e imagem de Deus Criador<sup>1165</sup>.

A mística sanfranciscana, sobretudo em sua vertente esponsal, não se contenta com a *via intellectionis* (caminho do intelecto), perfaz, antes, a *via amoris* (caminho do amor). De maneira distinta dos gregos, que apostavam na via do raciocínio para alcançar a divindade. Francisco recorda o caminho do amor, da confiança, do desejo para chegar a Deus Altíssimo. Esta experiência divina é igualmente profundamente humana, aliando liberdade e graça, interioridade e êxtase, incorporado o dinamismo próprio da afetividade como caminho para Deus, para a pessoa do próximo, homem e mulher, e para todas as irmãs criaturas<sup>1166</sup>. Assim, “a pessoa deixa o casulo do si-mesmo autocentrado e egoísta, e se abre aos outros e ao Outro”<sup>1167</sup>.

A mística da integração dos elementos celebrados por Francisco traduz e compreende mais que um discurso poético-religioso sobre as criaturas: os elementos mesmos aparecem como um invólucro de um não-discurso mais profundo. O louvor cósmico revela a inconsciente linguagem simbólica de um itinerário interior, de um desvelamento da profundidade da alma; esta se apresenta mais precisamente, como uma poética da reconciliação de todos os

<sup>1164</sup> Cf. BOFF, L., São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>1165</sup> Cf. SUSIN, L.C., *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas/Valencia: Siquem, 2003, p. 65.

<sup>1166</sup> Cf. AGOSTINI, N., O Amor: ultrapassar-se na busca do essencial. In.: *AT 6/7* (2000), p. 159-160.

<sup>1167</sup> MAÇANEIRO, M., *Mística e Erótica*. Um ensaio sobre Deus, Eros e Beleza. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 60.

gêneros, com sua arqueologia, do abrir-se à totalidade de uma existência na luz do Ser<sup>1168</sup>.

O irmão sol permanece sol; o irmão fogo permanece fogo; a irmã água permanece água. Além de seu valor objetivo, possuem, entretanto, uma dimensão simbólica de integração e participação, vindas do Criador, voltadas ao Criador. E Francisco convida todo ser humano a exprimir através destes elementos seu mundo interior.

A relação estabelecida com a pessoa do outro não sob o modo do conhecimento integral ou da posse, mas, ao contrário, do dom torna-nos pouco a pouco participantes de um mundo mais vasto. É a renúncia a ser como deuses ou a ocupar o lugar de Deus, entendido como posição que se atribui a Deus. Ora, o Evangelho aí está para inverter essa imagem, Jesus recusa os atributos de saber e de poder que a multidão quer lhe conferir. Tornando-se servo, despojando-se de si mesmo em benefício dos outros (cf. Fl 2,8), Ele é aquele em quem “foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra” (Cl 1,16). Revela-se assim a razão de ser da criação: não fabricação de um mundo determinado, mas caminho aberto na direção de uma comunhão universal, ou seja, mística sponsal em comunhão cósmica, convite à reconciliação e à celebração pascal.

#### 7.4.2.

#### **A mística da Celebração pascal do ser humano reconciliado**

Os elementos materiais com os quais Francisco se confraterniza no Cântico são qualificados e avaliados com discrição e profundidade, são cantados em seu sentido ativo, por sua imensa alegria, no sentido de sua intimidade ou fecundidade, entre eles e com o Criador e com a criatura humana que os canta, em seu discernimento místico. Francisco se confraterniza não somente com os elementos, mas também com seus valores mais íntimos, que ele projeta em seu inconsciente e são reflexo de sua vida mística interior.

Sob este prisma o Cântico assume uma dimensão profunda: símbolo de um ser humano reconciliado. Nele Francisco está envolvido por todos os lados. As imagens poéticas do sol, da água, do vento, do fogo, da terra sempre foram

---

<sup>1168</sup> Cf. LECLERC, E., O Cântico das Criaturas. *Op. Cit.* p. 10; BOFF, L., Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 58-59.

linguagem simbólica das grandes forças afetivas e oníricas<sup>1169</sup>. Celebrando o mundo cósmico, o poeta místico manifesta o sonho profundo do ser humano. Mesmo quando parece simplesmente descrever os elementos da natureza, está, ao contrário, exprimindo um segredo de reconciliação, que a natureza lhe revela. Francisco nos ensina que cada poesia é verdadeiramente um segredo. Ela caminha para a terra prometida, partindo de um paraíso perdido. Abre, portanto, o mundo ao imaginário, ao maravilhoso: um maravilhoso que assume o valor de protesto diante de um mundo dividido e presságio de um mundo melhor, rumo a um outro mundo<sup>1170</sup>.

Ao apelo da mística da celebração pascal do homem reconciliado ouvimos Francisco cantando os elementos da criação, escutamos simultaneamente seu sonho mais profundo, o sonho que dirige nossas vidas. O Cântico é o canto das fontes íntimas que emergem, chegam à luz. Todos os elementos da natureza aparecem destituídos de seu caráter temível ou destruidor: o vento sopra bem devagar, o fogo crepita sem queimar, a água não afoga. A nova realidade do mundo sem perigos, mas fraterno e seguro, pode parecer idílico e ingênuo. No entanto tem sentido mais profundo. Reflete uma purificação interior capaz de impregnar de luz todos os impulsos naturais, mistificando-os, despindo-os de todo amor próprio que pode corrompê-los. Todas as grandes formas do espírito e da afetividade aparecem, de certo modo, amestradas, participando do impulso do espírito, dando-lhe incomparável esplendor<sup>1171</sup>.

Francisco realiza a mística da reconciliação e nos provoca a que tenhamos a coragem de viver esta reconciliação a partir de dentro, com nossas ‘chagas’, com a nossa paixão, com a nossa fragilidade. Da fragilidade à minoridade salvífica. Da condição humana não se foge, quem o faz, evitando-a, não a compreende, não a transforma, não a transfigura.

<sup>1169</sup> Para aproximações, estrutura e morfologia do sagrado: ELIADE, M. Tratado de história das Religiões. *Op. cit.* p. 7-38. Id. O sagrado e o profano. *Op. cit.* p. 99-127; Id. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbólico mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.160-172

<sup>1170</sup> MO SUNG, J. Teologia, espiritualidade e mercado. In: SUSIN, L.C. (org). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 349-350, toda a obra é dedicada ao tema. Também KUNRATH, P.A. Teologia para um outro mundo possível. In: FREITAS, M.C. de. (org) *Teologia e sociedade*. Relevâncias e funções. São Paulo: SOTER-Paulinas, 2006, 315-323.

<sup>1171</sup> Cf. LECLERC, E. Canto, Cântico. In: *DF*, p. 75-76.

Somente quem possui a experiência das chagas da sexta-feira santa pode testemunhar a manhã da páscoa. A dificuldade está em encontrar uma passagem entre as feridas da fragilidade da condição de pecador e a experiência da ressurreição, a experiência de Francisco encontra um paralelo na experiência dos discípulos de Emaús, na experiência de Tomé: como passar da dor da cruz à ressurreição, entre cruz e vida, compreender a passagem entre o Cristo frágil, impotente, humilhado, sofredor, morto e o Cristo ressuscitado. Francisco, assim como os discípulos de Emaús, Tomé, participa do evento do ressuscitado, reconciliando com sua própria condição, reconciliado com as chagas não só do crucificado, mas também do ressuscitado.

A esperança do Reino, como nos diz Bruno Forte, enche a Igreja de alegria. Esta promessa acende na fraternidade cristã uma esperança sem par. Não existe derrota, não existe vitória da morte que possa apagar na comunidade dos fiéis a força da esperança: o ser humano reconciliado que Francisco cantou é uma possibilidade: a última palavra é garantida pelo espetáculo da Páscoa como palavra de alegria e não de dor, de graça e não de pecado, de vida e não de morte. Sua paz e sua força residem na certeza de que o Espírito Criador de seu Senhor está em ação no tempo dos homens e mulheres, irmãos e irmãs<sup>1172</sup>.

#### **7.4.3.**

#### **A expressão mística da reconciliação de um mundo diáfano e transparente**

Chegamos ao sentido último do Cântico: a vida mística não consiste em ver a natureza das criaturas renegadas, mas transfigurada; reconciliadas até no ser humano, em suas forças mais obscuras, mas que se iluminam a partir do interior. O Cântico é a expressão poética do ser humano plenamente reconciliado consigo mesmo, com a natureza das criaturas, com seus semelhantes, com o próprio Deus, portanto um projeto realizado ao longo de uma vida mística integrada ao diáfano e transparente de todas as criaturas<sup>1173</sup>.

<sup>1172</sup> Cf. FORTE, B., *A missão dos leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 17; Id. *A Igreja ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 1987, 69-70.

<sup>1173</sup> Lina Boff endossa nossas palavras: “Chega-se assim à elaboração de uma teologia que ilumina não só o valor cósmico da criação, mas o valor antropocêntrico que estabelece uma

Não é sem razão que Francisco acrescenta a estrofe ao louvor das criaturas para cantar o perdão e a paz.

Francisco abre perspectivas incalculáveis para a dinâmica da paz a partir da celebração do mistério pascal da Eucaristia. Para o *Poverello* não se trata apenas do sacramento da paz e da reconciliação de Cristo com todas as criaturas e dos seres humanos entre si, mas também de uma verdadeira reconciliação cósmica, “aberta a todas as criaturas do universo, que ele próprio tão bem soube cantar, já no fim da sua vida, através do Cântico”<sup>1174</sup>.

Finalmente, a própria morte não apavora Francisco. Quando fica sabendo, pela boca do medito, que lhe restam apenas alguns dias de vida, compõe então a última estrofe na qual canta nossa irmã Morte da mesma maneira como canta o irmão sol. A mesma luz que para ele tinha sido esplendor do sol, vê agora brilhar em nossa irmã a morte corporal. O que permite Francisco contemplar o mundo com atenção fraterna, e aí descobrir a presença de Deus, é a sua própria conversão espiritual. Decidido a seguir a Jesus Cristo até em sua paixão, não se deixa desviar de sua rota por um uso egoísta das coisas. Lança sobre este mundo o olhar de Cristo que presta a homenagem de todas as coisas a seu Pai, vê as criaturas materiais como destinadas a permitirem ao ser humano fazer a sua páscoa, sua passagem para Deus, entrando no Reino, o mundo novo onde todas as criaturas se ordenam em relação ao Cristo ressuscitado (cf. 2Cel 165; LM 9,1)<sup>1175</sup>.

Seguindo os passos de Jesus, Francisco penetra também no Reino onde a caridade preside todas as relações do ser humano com Deus, com seus irmãos e irmãs, com todos os seres, onde as bem-aventuranças evangélicas inspiram todas as iniciativas tomadas na terra, comportando-se em todas as circunstâncias como filho de Deus (cf. CA 88; 2EP 118).

Ao constatarem que as criaturas respondem amavelmente ao comportamento fraterno de Francisco, seus discípulos e seus biógrafos viram com unanimidade nele um homem novo que, tal como Adão, passeava no meio

---

relação criativa do ser humano com todos os seres criados por Deus. Pois, o ser humano, intimamente ligado a toda criação e ao cosmo, tanto um quanto outro, serão perfeitamente restaurados em Cristo. Temos então a Nova Criação em Cristo, vivido e interpretado, no Espírito, pelas comunidades apostólicas e primitivas”. BOFF, L. Da esperança à vida plena. *Op. Cit.* p. 99.

<sup>1174</sup> NEVES, M.C. São Francisco de Assis. Profeta da paz e da ecologia. *Op. Cit.* p.55.

<sup>1175</sup> Cf. LECLERC, E. Canto, Cântico. In: *DF*, p. 76.

de uma criação amiga. Celano acredita ver nele “um homem novo e um homem de outro mundo (do século futuro)” (1Cel 82). E São Boaventura constata que à semelhança dos dois *Adões*, Francisco podia obter a obediência das criaturas que nele reconheciam um verdadeiro filho de Deus:

E porque ele chegara a tão grande pureza que a carne concordava em admirável harmonia com o espírito, e o espírito (se harmonizava) com Deus, acontecia por disposição divina que a criatura, servindo ao seu Criador (cf. Sb 16,24), se submetia admiravelmente à vontade e ao comando dele (LM 5,9).

Esses relatos exemplificam o quanto a liberdade de Francisco na criação vem de sua ascese mística. Este homem, que vibra diante da beleza criada, é capaz de todo tipo de renúncia. Pobre diante de todos os seres, sabe acolhê-los como dons generosos de Deus. Ele sabe apreciar na ação de graças e passa privação sem interromper seus louvores. Sua ascese não é nem uma performance nem desprezo das criaturas. Deixa cantar no seu coração a beleza do que não possui ou daquilo que não pode mais ver, mas sabe reconciliado e pacificado.

Para o místico de Assis é a expressão poética de reconciliação que não lhe saiu da pena racional, mas dos pálidos lábios e da santa alegria do seu coração; não é a medida do ser humano com referência ao Criador, mas é a inaugural introdução de todo o criado que se confraterniza e dá, pela primeira vez, a nova medida do mundo no grande humanismo de Francisco.

O louvor poético, algo que ninguém pode compreender enquanto identificar com culto à natureza ou otimismo panteísta, longe do místico Francisco. Cremos que Deus se comunica com as criaturas através das fontes de sua revelação e de seu Espírito. O ser humano se comunica com Deus mediante os sacramentos, a oração, a abertura à sua graça. Uma comunicação mística intensa transforma-se em comunhão. Comunhão mística.

Deus é, na experiência de Jesus, o Espírito divino é como o vento que sopra onde quer; ouvimos o seu ruído, mas ninguém sabe de onde ele vem nem para onde ele vai (cf. Jo 3,8). Mística é fazer a experiência fundante desse Ser. Portanto, a mística exige algo mais do que a adesão da inteligência às verdades reveladas. Exige abertura ao transcendente e à prática do amor misericordioso. Nela, raiz e fruto não podem estar separados.

A tradição religiosa oferece-nos um vasto leque de místicas: hinduísta, judaica, cristã, islâmica; e, dentro do cristianismo, católica, ortodoxa, protestante; e, dentro do catolicismo, beneditina, dominicana, jesuíta, agostiniana, vicentina, franciscana. O que identifica essas diversas místicas é abrir aos seres humanos a possibilidade de transformarem o coração de pedra em coração de carne, livrarem-se de medos e egoísmos, tornarem-se melhores, mais compassivos e solidários, despojados dos apegos e das ilusões que dificultam uma existência marcada pela prevalência do espiritual. Por sua vez, o que caracteriza a mística cristã é tudo isso centrado no seguimento de Jesus<sup>1176</sup>.

As pautas da mística de Jesus, norteadoras para a mística cristã, estão muito bem demarcadas no Sermão da Montanha, em especial nas Bem-aventuranças, apontando para uma celebração do ser humano reconciliado com a alegria, com os bens e elementos vitais que norteiam a celebração de um mundo possível, diáfano e transparente, transfigurando em possibilidades à gestação do Reino de Deus.

Francisco é chamado de “o sol de Assis”, pois ele continua a irradiar luz até os dias atuais, despertando em nós aquelas potencialidades adormecidas que nos fazem mais sensíveis, solidários e compassivos com todos os seres do cosmos.

Para Francisco a obra da criação iniciada, deve ser completada junto com a obra da salvação agora somente iniciada. É o dia da Vitória, o dia do triunfo, o tempo de prestar contas diante do Criador-Redentor, antecipadamente em ressonância escatológica, olhar o rosto de Deus expresso nas suas criaturas, olhar com olhos de serenidade e de simpatia para as criaturas todas.

O Cântico é o registro que antecipa esta “hora de Deus” na conseqüente oração do Santo de Assis. Não é um *dies irae*, mas um dia de alegria, de plenitude, de explosão incontida e indizível da primavera eterna. O louvor diante do Eterno é antecipado na presença do Eterno presente, vivente na

---

<sup>1176</sup> VELASCO, J.M., Dozes místicos cristãos. Experiência de fé e oração. *Op. Cit.* p. 64-65; BOUYER, L., *Mysterion*. Dal mistero alla mistica. *Op. Cit.* p.150-154.

Eucaristia da sua presença. A ação de graças permanente de todas as criaturas, pela voz das criaturas que cantam os louvores do Senhor<sup>1177</sup>.

O desejo do discípulo de Assis, como contínua mística devota ao Senhor da Bondade, é que a vida do Reino chegue quanto antes, como já apresentada e meditada em Lc 22,14-23, parece claro estar colocando uma delimitação do tempo presente, para que este se abra para a eternidade. Para Francisco celebrar este mundo futuro, apontado para parusia, é possível na fraternidade universal, até que venha o Reino de Deus.

Refletir o Cântico, compreender a mística de Francisco que emana desta síntese, a partir do contexto religioso do autor de Assis, é buscar luz e fé para viver a cotidianidade do mistério pascal de Jesus, na experiência fundante e fundamental com todas as criaturas, mistério que não se esgota, que transcende a vida no seu todo e nos remete à vida plena com a Comunidade divina.

## 7.5.

### **A mística fiel ao espírito do Cântico das Criaturas**

Na tradição ocidental Francisco é visto como uma figura exemplar de grande irradiação. Tudo em sua vida vem urdido de extremo cuidado com as criaturas, os animais, as aves e plantas, os pobres.

Com fina percepção sente o laço de fraternidade e de sororidade que nos une a todos os seres. Ternamente místico e aberto ao amor fraterno e pessoal, chama a todos de irmãos e de irmãs: o Sol, a Lua... as formigas e o lobo de Gubbio. As coisas têm coração. Ele sente seu pulsar e nutre veneração e respeito por cada ser, por menor e mais distante, pois do seu jeito elas fazem parte do coro, da orquestra que vibra em louvor ao Criador.

Efetivamente, face às demandas da nossa cultura ecológica mundial, reconhecemos sua grande atualidade. A atualidade do místico das criaturas. Somos velhos, ainda aferrados ao modo de ser do trabalho-dominação-agressão da natureza, dos seres da criação. Francisco, no entanto, é verdadeiramente

---

<sup>1177</sup> Cf. GNIECKI, C. *Visione dell'uomo negli Scritti di Francesco d'Assisi*. Roma: Antonianum, 1987, p. 75-86; IAMMARRONE, G., *La spiritualità francescana*. *Op. Cit.*, p. 143-145; BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena*. *Op. Cit.* p. 56-60

alternativo por seu radical modo de ser e cuidar com respeito, veneração e fraternura para com todas as coisas<sup>1178</sup>.

Pouco se viu no Ocidente tanta suavidade e tanta ternura como forma de vida e maneira de integração tal qual em Francisco. Por isso ele continua referência mística para todos aqueles e aquelas que buscam uma nova aliança com a criação. O sol de Assis, o qual continua a irradiar até os dias atuais, despertando em nós aquelas potencialidades adormecidas que nos fazem mais sensíveis, solidários e compassivos com todos os seres do cosmos.

Francisco nos mostra que a opção pelos pobres e pelos mais pobres que o fez o *Poverello*, pode compaginar-se com a ternura pela criação. O mesmo amor que o leva aos hansenianos e ao lobo de Gubbio o faz abraçar o pobre das estradas e falar com os passarinhos. Francisco compreende que o mundo é o reino das desigualdades, mas nem por isso deixa que o amargor tome conta da sua vida. A poesia, o canto, a dança e o amor sem limites têm sua força própria de transformação e convoca esta força para nós no prosseguimento do mesmo espírito que animou o Cântico, a sua vida<sup>1179</sup>.

A crise ecológica atual nos fez despertar o Francisco que dorme dentro de cada ser humano<sup>1180</sup>. Sepultado nas profundidades de nosso ser está uma saudade imorredoura do paraíso. Ele nunca se perdeu totalmente, porque restou a saudade da originária integração do ser humano com o seu coração, do coração com as criaturas e das criaturas com o Mistério fascinante do universo, que chamamos “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor” (Cnt 1).

Francisco recupera o ser humano matinal. Consegue harmonizar em esponsais a ternura com o vigor. Ternura para com cada ser da criação abraçado como irmão e irmã. Vigor em seguir o Cristo pobre junto com os pobres e os leprosos. Nele pode vir a lume, emergiu a inocência da primeira manhã da criação: o poder sem destruição. Nele o ser humano e as criaturas se fundem numa indescritível comunhão de fraternidade. Todos os elementos

<sup>1178</sup> Cf. BOFF, L., Saber Cuidar. *Op. Cit.* p. 168-169.

<sup>1179</sup> Cf. Id., Ecologia, mundialização, espiritualidade. *Op. Cit.* 68-69.

<sup>1180</sup> Cf. Para esta temática aprofunda, em perspectiva teológica: CLAMMER, J., Aprendendo da Terra: Reflexões sobre a educação teológica e crise ecológica. In *Concilium* 331 (2009), p. 105-109; Ainda: “E a teologia, enquanto ponte entre nossas mais profundas preocupações existenciais e o mundo que deveria ser o teatro de iluminação e não o teatro de destruição e injustiça, que tem a chave em suas mãos de conseguir simplesmente redefinir-se como uma orientação para a Terra enquanto nosso lar e potencialmente enquanto o paraíso terrestre que ainda é a substância de nossos sonhos e de nossas utopias” p. 112. Todo o número da revista é dedicado ao tema.

cantados sob a mística do cuidado e da ternura, se transformam, de fato, em casa comum, pátria e lar de identidade, o *Oikos* integrado, gaia<sup>1181</sup> viva sempre a gerar a pessoa nova. Despertar para a reverência diante das criaturas e viver em plena fraternura com todos os elementos do universo<sup>1182</sup>.

Francisco descobre que um Deus lúdico e prazeroso é libertador, principalmente dos pobres. Com o Santo de Assis resgata-se a convicção de que o paraíso não se perdeu totalmente e de que podemos retornar a ele para cumprirmos a vocação divina testemunhada no Gênesis: nosso lugar e a terra, irmã e mãe, feita jardim do Éden, para cultivá-la com carinho e guardá-la com o coração na mão, como irmãos e irmãs, filhos e filhas do Deus Criador. O Cântico é símbolo e arquétipo de absoluta integração e libertação que o ser humano pode alcançar.

### 7.5.1.

#### Os vestígios do Criador na trama da criação destinada ao bem

Partimos da compreensão de que o Pai, em seu amor pelo Filho, define-se como o Criador do mundo. Ele é o Criador, porque ama o Filho, se o Pai cria o mundo em virtude do seu amor pelo Filho, então o mundo, em virtude da correspondência do amor do Filho, constituirá a felicidade do Deus Pai e do Filho. O seu amor, que se comunica com o seu igual, abre-se para o outro, e passa a ser criativo, isto é, antecipa-se a qualquer possível correspondência. Dado que ele, em virtude de seu eterno amor pelo Filho, cria o mundo, este, pela vontade eterna da bondade de Deus, é destinado ao bem, não sendo outra coisa do que expressão do seu amor<sup>1183</sup>.

<sup>1181</sup> Assevera J.E. LOVELOCK: “Definimos a Terra como Gaia, porque sempre se apresenta como uma entidade complexa que abrange a biosfera, a atmosfera, os oceanos e o solo; na sua totalidade, esses elementos constituem um sistema cibernético ou de realimentação que procura um meio físico e químico ótimo para a vida neste planeta”. LOVELOCK, J.E., *Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 27; OLIVEIRA, J.; BORGES, W., *Ética de Gaia*. Ensaios de ética socioambiental. São Paulo: Paulus, 2008, p. 21.

<sup>1182</sup> Cf. BOFF, L., *Francisco de Assis*. O homem do paraíso. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 7.

<sup>1183</sup> Neste sentido elabora São Boaventura: “Na verdade, em relação à imensidade da bondade eterna, a difusão nas criaturas, a partir do tempo, não é mais que um centro ou ponto. E assim, pode conceber-se outra difusão maior que esta, ou seja, aquela em que o bem que se difunde comunica a outro toda a substância e natureza. Não seria o sumo bem, se na realidade ou inteligivelmente carecesse dessa difusão”. Itinerário da mente para Deus. *Op. Cit.* p. 173

O mundo é bom porque Deus é o próprio bem. Por isso Deus encontra complacência nele e pode esperar da sua imagem e semelhança, o ser humano, a correspondência ao seu amor criador, para assim não apenas ser eternamente feliz com o seu Filho, mas também temporalmente feliz com o ser humano. As criaturas, o cosmo em seu todo, é resultado criativo das relações intratrinitárias das Pessoas da trindade, o Pai cria o seu outro por força do seu amor pelo Filho, e a criação não corresponde simplesmente à vontade, mas sim ao amor eterno de Deus:

Francisco pregou que o mundo era criação de Deus e bom – convocou os pássaros e, no Cântico das Criaturas de seus últimos anos, toda a criação para juntar-se a ele nos louvores ao Criador. Quando pregou aos pássaros mostrou sua profunda simpatia pelos animais; também ensinou aos que estavam com ele, com o discernimento inspirado de um mestre nato, a adorar a Deus através de sua criação. Contestou assim a doutrina cátera<sup>1184</sup>.

Na alegria da existência livre, na felicidade do agradecimento e do eterno louvor de todo criado, realiza-se o objetivo da criação e completa-se o prazer da autocomunicação de Deus. O Pai cria por força do Espírito Santo. Ele cria pelas forças amorosas e energias do seu próprio Espírito. A criação não fica divinizada, mas ela passa a ser integrada ao campo energético do Espírito e torna-se partícipe da vida íntima da própria Trindade.

A doutrina da criação trinitária do ‘Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor’, acolhe perfeitamente os aspectos de verdade contidos na criação, obra de Deus, como um transbordamento (emanação) de Deus. O mundo não é ‘gerado’ por Deus, como o é o Filho, que com o Pai constitui uma só essência. Essa posição intermediária entre criação e geração é expressa pelo derramamento das forças do Espírito criador. O sopro divino da vida com a sua vida preenche tudo: “À criação a partir de Deus e em Deus aplica-se a seguinte ordem trinitária: O Pai cria o mundo por seu amor eterno, através do Filho, visando à correspondência no tempo ao seu amor eterno, na força do Espírito Santo, que interliga o que se diversifica”<sup>1185</sup>.

<sup>1184</sup> Francisco de Assis. In: DIM. *Op. Cit.* p., 158.

<sup>1185</sup> MOLTSMANN, J. Trindade e Reino de Deus. *Op. Cit.*, p. 124.

No seu amor criativo Deus se une ao seu outro, qual seja as criaturas, dotando-as de espaço, tempo, liberdade, no âmbito da sua vida infinita, a criação destinada ao bem.

A obra de arte poética do místico, contemplativo na sua noite escura no Convento de São Damião, se transfigura em transparência do amor divino, o Altíssimo. A obra, seu poema, sua vida em sofrimento e graça, é obra em campo de luz. A obra mesma é um campo de luz. A contemplação desta se dá num contínuo transcender relacional, forças não se opõem, mas a polifonia dos irmãos e irmãs em diversidade que se congrega, em matrimônio cósmico.

A obra de arte tem força transfiguradora, requer ser contemplada com olhar sacramental, pois está orientada à construção de cultura e é criação de um artista comunicador de Beleza, escreveu Francisco, nos Louvores a Deus Altíssimo: “Vós sois beleza... Vós sois beleza” (LD 4.5).

A beleza, estética do Criador, analogia da linguagem artística e mística para a formação da interioridade da pessoa humana em estado de contemplação, assim como a liturgia artística, como chave hermenêutica para um quê fazer teológico, se convertem num ponto de partida modesto para outras investigações que abrem novos horizontes para a transcendência em todas as suas manifestações, e desta forma, exprime o vasto conteúdo *kerigmático* que traz consigo<sup>1186</sup>.

### 7.5.2.

#### **A fidelidade ao espírito da mística de Francisco de Assis**

No Cântico de Francisco a palavra, na simplicidade da sintaxe e da adjetivação emparelhada remanescente das Escrituras e dos cantos religiosos medievais, em prosa poética rica de ritmos estróficos interiores de assonâncias, de números numa humildade lenta e profunda da voz, tem uma gentileza calma e uma lenta intimidade de tom místico, de amor difuso, produz diversos frutos com coloridas flores e ervas? ... e se estende ao interior pela sensível graça de uma altíssima esperança, de uma melodia não ouvida, num sentido suave da

<sup>1186</sup> Cf. BOFF, Lina. Resenha à BARRERA, L. M.S. La obra de Arte, lugar de teofania. In. *AT*, 23 (2006), p. 295-296.

vida, mundo participado. Reino de Deus desejado, vislumbrado, experiência mística de antecipação<sup>1187</sup>.

O Cântico de Francisco é mais que uma poesia religiosa, é a fidelidade ao espírito da mística integral de Francisco. Mais que um salmo de louvor, poética fundadora da língua italiana, antes de Dante Alighieri. É expressão da mais alta mística, da mística cósmica que usa os elementos da criação como o sol, a lua, o fogo, a água, a vida, o perdão, a morte como linguagem para expressar o mergulho mais radical do ser humano no coração do Pai e Mãe de todas as criaturas.

Francisco possui uma alma conatural à alma das criaturas todas irmãs e irmãs, na inocência, pertence ao mesmo círculo da bondade do Criador. O texto de Francisco é direto como quem fala com o outro irmão e irmã, carregado de simplicidade ao coração transparente e convincente<sup>1188</sup>.

Nunca, na nossa cultura, se viu tanto enternecimento e tanta confraternização com a menor das criaturas, uma formiguinha do caminho e com a estrela mais distante. Francisco nos deixou a prova de que quem abraça o mundo com cordialidade, com ternura, abraça Deus mesmo, o Criador. Essa experiência Francisco nos comunica. Sente-se em sua pessoa, por obra e graça do Mistério, uma incomensurável fraternura e uma grande suavidade.

O Cântico traduz a alma poética de Francisco, seus sentimentos arrebatadores que exultam após a noite escura, da sua agonia à contemplação. Eleva seu desejo ao Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor e fraternidade construída à luz do Evangelho<sup>1189</sup> convoca todo ser humano a louvar o Criador, com as criaturas irmãs, à extrema irmã morte.

O Cântico traduz um método fiel à mística de Francisco. Francisco escreve para seguir este método, sob a experiência mística, o método do salmista que louva ao Criador *com e por* todas as criaturas, falando na escrita e na canção como atitude primária de quem desenha um retrato místico. A

<sup>1187</sup> Cf. BENEDETTO, L.F., *Il cantico di frate sole*. Florença: G.C. Sansoni, 1966, p. 35-60.

<sup>1188</sup> Cf. BOFF, L., Apresentação. In: ALENCAR, C. *Cântico das Criaturas*. Ecologia e juventude do mundo. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>1189</sup> “Francisco se compreendeu a si mesmo totalmente à luz do Evangelho. É este o fascínio de sua mística. É esta sua perene atualidade. O pobrezinho tornou-se um Evangelho vivo, capaz de atrair para Jesus Cristo homens e mulheres de todos os tempos, que preferem a radicalidade e não as meias medidas” PP.Bento XVI, 18 de abril 2009. Mensagem aos membros da Família Franciscana. In: *O Mensageiro de Santo Antonio* 8 (2009), p. 4.

narrativa como linguagem para o conhecimento. O canto como linguagem do encantamento, do sentimento, um modo de invenção do espírito.

A força dos elementos impalpáveis se revela (respira) nos tremores, nos suspiros e nas ventanias. O impalpável nos preenche. Nada mais real que a palavra e a música que a acompanha, a final, sem ela não existimos.

Francisco, fiel à sua própria índole mística escreve como quem respeita. Suas notas poéticas (porque teológicas), sacodem e nos vergam, vibram e elevam. Não se pega ao vento: ele não se deixa aprisionar. Não se controla a luz do sol: ela transcende. Não se para a água da chuva, não se apalpa o fogo... o impalpável das criaturas, na linguagem privilegiada pelo Cântico, pacificando a criatura, até à irmã morte, com arroubos e fervor, o poeta da irrupção interior-se expõe.

No silêncio da noite anterior uma defesa da pausa e do recolhimento, em compasso de espera, à palavra final, à parusia de todas as coisas criadas, balbuciada pelo Altíssimo Onipotente e Bom Senhor. E nada escapa à ordem do seu louvor: com palavras tocar o sagrado, o poeta místico. O poder fundador da palavra não submete, convida: Louvado sejas, meu Senhor.

**a.**

### **A fidelidade à consciência planetária: ética e mística planetárias**

Na esperança de salvar a consciência planetária, o sonho de um ambiente inteiro para todas as criaturas, ainda nos resta muitas mediações científicas, tecnológicas, humanísticas. Na busca de encontrar atitudes e soluções, destacamos a ética e a mística, pois essas são imprescindíveis nas mudanças de paradigmas que visam uma sociedade mais sustentável, onde as relações sociais e ambientais estão profundamente imbricadas. A ética, por se tratar da mudança fundamental e necessária dos hábitos e costumes, e a mística por ser inspiradora e proporcionar o resgate das relações do ser humano com Deus e com a natureza.

No mundo ocidental a busca de uma mística ecológica, encontrada nas raízes primordiais do cristianismo e no testemunho de Francisco, é fundamental no processo de resgate de uma visão mais integradora da realidade, despertar do olhar da fé para o planeta com profundos sinais de

morte sob a ótica do horizonte da era das fragmentações, a mística vivida por Francisco é uma proposta, um veio norteador do resgate entre o teológico, o antropológico e o cosmológico, cuja pedagogia é construída no contato com as criaturas.

Neste aspecto, a natureza das criaturas, os elementos cantados no Cântico nos recordam, não pode ser concebida apenas como uma mediação utilitária para servir os interesses e ambições desmedidas, mas uma expressão da teofania do Criador, cujo desígnio salvífico engloba todos os seres vivos.

Consciência ética, planetária, fidelidade ao espírito do Cântico, como seres criados para o louvor, manifesta com alegria e fé, através de palavras e ações, toda a grandeza do Criador que criou o ser humano e o potencializou com uma capacidade infinita de amar a tudo e a todos. O louvor verdadeiro consiste em perceber que, diante das diferentes manifestações do Amor de Deus nas criaturas, em todos os seres da criação, só nos resta uma atitude bíblicamente correta: cantar, sorrir e agradecer pelos incontáveis benefícios do Criador<sup>1190</sup>.

A descoberta do Evangelho como ‘forma de vida’ é determinante para Francisco e o conduz a compreender sua relação com Deus, com as pessoas, com todas as criaturas, como homem inquieto itinerante, sempre em movimento, na travessia inquieta por fazer um caminho de encontros místicos e experiências mais profundas conforme o mandato do Espírito do Senhor, o lento processo de mendicância no seguimento de Jesus Cristo pobre e peregrino. Escreve Juan Martín Velasco:

Este seguimento, que faz de Francisco o humilde *repetidor* de Jesus, o converte em *Christus totus concrucifixus et configuratus*, e o leva, pois, à plena transparência de Deus na qual consiste a contemplação. A visão do Monte Alverne é um resumo de sua vida: o seguimento e a contemplação de Cristo terminam gravando-o no discípulo contemplativo a ponto de reproduzir em seu corpo as chagas da paixão<sup>1191</sup>.

Os traços da vida de seguimento se convertem desta forma em traços peculiares e em sinais de identidade e autenticidade da experiência franciscana de Deus. A iluminação decisiva desta intuição de Francisco encontra

<sup>1190</sup> Cf. SIQUEIRA, J.C. de. *Espiritualidade e meio ambiente*. Rio de Janeiro: ed. PUC, 2008, p.7-11.

<sup>1191</sup> VELASCO, J. M. *Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração*. *Op. Cit.* p. 64.

ressonância na vida daqueles e aquelas que assumem uma tarefa de acordo com as exigências do Reino de Deus.

A preocupação pelas necessidades vitais dos pobres, porque irmãos e irmãs, filhos e filhas do Altíssimo Deus comum, aproximado de todas as criaturas, é um elemento da mística de Francisco.

No gesto correspondente se joga a autenticidade de toda conversão ao Senhor (cf. Mc 2,21-22) e, o gesto em favor do pobre (cf. Mt 25,31-46) é um gesto em favor do próprio Cristo. Existe um aspecto contemplativo<sup>1192</sup>, entendido como experiência de encontro com Deus no coração mesmo da obra de amor. Como o verdadeiro amor só se realiza plenamente entre iguais, porque o amor torna semelhantes o ser que ama ao ser amado, Francisco se fez pobre, às últimas consequências da sua capacidade de aproximação, simbolizada pela pessoa do leproso (cf. RNB 8.10; 9,2; Test 1).

Escutar o grito dos seres ameaçados da criação, em especial a voz material e concreta dos humilhados da terra, os pobres, implica uma solidariedade requerida pela opção preferencial pelos pobres<sup>1193</sup> que nos devolve a esta atitude fundamental do cristianismo, qual seja, a necessidade de uma contínua conversão. Assim procedendo a pessoa humana estará descobrindo, em rupturas e novos caminhos, dimensões mais profundas no campo do pessoal, do social, do material e do místico.

A conversão ao Senhor, aquela que reconduz à solidariedade com os oprimidos, exige obstinação e firmeza no caminho eficaz da gratuidade empreendido na perspectiva do pobre de Assis, pois profundamente seguidor das exigências do seguimento de Jesus Cristo, a inserção dentro de um processo histórico, sob o impacto e exigências de ações realistas e eficazes<sup>1194</sup>.

É a experiência do seguimento de Jesus vivida na mais profunda gratuidade do amor de Deus que nos proporciona uma mística de esvaziamento (cf. Fl 2,6): não nos apegarmos ciosamente à nossa condição divina, nossa

<sup>1192</sup> A ação do ser humano e das sociedades em suas relações mútuas têm uma dimensão transcendente que Deus conhece e sanciona. Essa ideia ou mistério se dramatiza na linguagem de um grande julgamento público e universal. Cf. nota correspondente ao texto Mt 25,31-46, Bíblia do Peregrino, p. 2379.

<sup>1193</sup> Cf. Puebla 382,707,733,769,1134,1217,1134.

<sup>1194</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. Beber no próprio poço. Itinerário espiritual de um povo. *Op. Cit.*, p. 114-116. “O mundo dos pobres – dizia Mons. Romero com acuidade – “nos ensina como deve ser o amor cristão (...), o qual deve ser, por certo, gratuito, porém, deve buscar a eficácia histórica”. *Ibid.*, p. 119

vontade de poder, e nos abrimos ao desafio do humano, das Criaturas à salvaguarda da vida. Só é de fato capaz de chegar ao outro aquele ser que consegue fazer a experiência do próprio limite, a experiência do mistério, a experiência da *kénosis*.

Esta verdade está sob reserva escatológica, que é a reserva de Deus sobre a história e também sobre as próprias experiências religiosas; reserva que marca a distância entre o mistério de Deus e a história dos humanos, sem negar a importância desta mesma história como espaço de encontro com Deus. Se há uma certeza que nos pode animar é a “certeza da esperança”: a fé como garantia do que se espera (cf. Hb 11,1).

**b.**

### **Francisco de Assis: profeta para o nosso tempo**

Francisco postula uma existência humana que se baseia unicamente no valor de uso. O uso profético, cuidadoso do mínimo necessário, para a partilha fraterna. A utopia de Francisco, seu sonho e sua radical experiência de Deus e com as criaturas, uma fraternidade sem mais-valia (*plus-valia*) e por isso jamais exploradora, é uma proposta profética a se conquistada e assumida, na esteira de outros profetas do nosso tempo para a construção da fraternidade cósmica a salvaguardar a vida, o bem mais precioso do Criador. Isto pode ser traduzido para nós num estilo de vida pobre, expostos à insegurança dos pobres, como quem peregrina neste mundo e sabe que aqui não tem sua morada permanente e faz da sua vida uma vocação a serviço dos mais desvalidos a toda sorte abandonados<sup>1195</sup>.

Acontece que, partindo de uma intuição central, uma determinada mística sempre supõe um reordenamento dos vetores fundamentais da vida cristã. Intuição dos grandes místicos, intuição de Francisco que é resposta às necessidades e exigências de seu tempo. Toda mística é um caminho ofertado para o serviço aprimorado de Deus e dos semelhantes: liberdade profética para

---

<sup>1195</sup> Cf. BOFF, L., E a Igreja se fez povo. *Op. Cit.* p. 161.

amar o próprio tempo e amar a tenda no itinerário, caminhando segundo o espírito, que leve ao futuro do Reino de Deus<sup>1196</sup>.

A intuição e intenção originárias de Francisco não é criar uma Ordem ao lado de outras tantas, senão viver o que todo batizado está chamado a realizar: o seguimento radical de Cristo dentro do espírito mais genuinamente evangélico<sup>1197</sup>. O contato com Francisco, seus ideais e suas práticas, sua postura profética, voltado para o bem da vida e sua dignidade, não deixam de produzir uma crise existencial, especialmente com referência ao tema da fraternidade. Nele aflora cristalinamente o fermento evangélico com tudo o que ele tem de questionante e desafiante. Francisco tomou absolutamente a sério o Evangelho, *ad litteram et sine glosa*, e buscou vivê-lo com um coração generoso e jovial. Ele encarna, para nossa cultura mundial e para a Igreja, uma das mais altas fulgurações da utopia de Jesus Cristo. Ele já pertence à memória coletiva de nossa expressão mística de fé, portanto, uma referência obrigatória no seguimento radical de Jesus Cristo.

Quem vive desafiado pelos valores evangélicos, encontra na mística de Francisco, muito bem traduzida na sua vida e no seu último Cântico, mais que um ideal, um modo de ser, uma prática de identificação com os mais humildes, uma confraternização com o mais abaixo, propiciando a emergência do melhor que se esconde dentro de cada ser humano. Ousamos afirmar: Francisco constitui um permanente peso de consciência, uma crise que não nos amargura mas nos impulsiona a sermos mais evangélicos, mais sensíveis à humildade de Deus e aos sofrimentos dos irmãos.

Isto nos faz superar qualquer mecanismo de desculpa e de resignação e nos abre o caminho para uma prática de solidariedade profética com os que são menos e têm menos; então vale a pena seguir com nosso franciscanismo e

<sup>1196</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G. Beber no próprio poço. *Op. Cit.* p. 101-102; TEIXEIRA, F.L.C. *A espiritualidade do seguimento*. São Paulo: Paulinas, 1994, p 13-15

<sup>1197</sup> “Não apenas através da sua mensagem, mas também com o testemunho da sua própria vida, podemos afirmar que Francisco foi verdadeiramente um profeta da paz” NEVES, M.C., São Francisco de Assis. Profeta da paz e da ecologia. *Op. Cit.* p. 123. Quando analisamos a sintonia do momento histórico que o *Poverello* viveu e o momento que estamos atrevesando, observa com realismo e oportunidade o filósofo Roger Garaudy: “Podemos admirar a excepcional atualidade de Francisco de Assis: ele viveu os primeiros passos de um sistema social do qual nós hoje sofremos as últimas convulsões sanguinosas”. GARAUDY, R., *Per un dialogo delle Civiltà*. In: VV. AA., *Francesco un pazzo da slegare*. Assis: CE, 1983, p. 205.

deixar-se fascinar sempre de novo pela figura mística, profética e desafiadora do *Poverello* e *Fratello* de Assis, Francisco: profeta da vida<sup>1198</sup>.

É necessária a articulação entre o místico e o profético. É a dinâmica do ser humano para a abertura ao futuro, dimensões mística e profética próprias de uma vivência religiosa adulta, elas fazem parte do encontro com o Deus da revelação bíblica. Ambas deveriam estar unidas, complementando-se e corrigindo-se mutuamente, não são excludentes. A salvação do ser humano e a salvação do cosmos estão inseparavelmente unidas e, portanto, o encontro com o Deus salvador é vivido na inserção e na participação sábia no cosmos. É que a salvação do ser humano está na história, no compromisso histórico, no compromisso ético com a justiça e com o amor afetivo. A experiência de comunhão, como encontro com o Deus Criador-Salvador dá-se, então, predominantemente, no compromisso ético, assumindo a responsabilidade diante da história e do mundo criado. Como homens e mulheres da Igreja no coração do mundo, e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja (cf. DP 786; DA 209).

A dimensão mística incorpora uma exigência de experiência de intimidade com Deus e com os seres criados, que configura uma interpelação e compromisso responsável diante do mundo criado pelo amor de Deus e diante da história orientada de maneira realmente humana como dimensão profética. As dimensões mística e profética, ambas necessárias para a experiência do encontro com o Deus bíblico, reinteramos que elas estão mutuamente relacionadas de maneira inclusiva e nunca de forma excludente<sup>1199</sup>.

Um apelo profético surge do encontro com Francisco, sua vida e da leitura atenta do seu Cântico, salmo à vida, à fraternidade cósmica e o devido cuidado. Como profetas da vida queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes da vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. As gerações que nos sucederão têm a receber um mundo

<sup>1198</sup>“Por isso, como profetas da vida, queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes da vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. As gerações que nos sucederão têm direito a receber um mundo habitável” (DA 471).

<sup>1199</sup> Para clarificação das tradições hermenêuticas proclamativa e manifestativa: Cf. RUBIO, Alfonso García. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 88-90; Id., *Unidade na pluralidade*. Op. Cit. p. 545-547; BUCHANAN, J., *Criação e Cosmos: a simbólica da proclamação e da participação*. In.: *Concilium* 186 (1983), p. 51-60.

habitável. É urgente e necessário dar especial importância a mais grave destruição em curso da ecologia dos seres da criação<sup>1200</sup> (cf. DA 471-472).

A proposta profética de Francisco é, portanto, a construção de uma sociedade de irmãos e irmãs e não mais uma sociedade de poderosos e de oprimidos, de ricos e pobres. Por sua sensibilidade histórica e por seu posicionamento dentro da Igreja, Francisco pode ser considerado, sem dúvida, um grande profeta da Igreja<sup>1201</sup>. O profeta que vive uma mística da fraternidade, a iniciar pelos frades (cf. RB 3,11-14). Sua pregação, sua vida, visa reconciliar as criaturas em verdadeira fraternidade mística, fraternidade universal, onde os direitos dos *menores* sejam respeitos (cf. 2Cel 108).

## 7.6.

### **A Carta da Terra: princípios éticos para a fraternidade universal**

Na Carta da Terra<sup>1202</sup> – documento elaborado ao longo de 8 anos, envolvendo as bases da sociedade e o melhor do pensamento ecológico, político e ético de 46 países e implicando mais de 200 mil pessoas, visando garantir o futuro do Planeta e da humanidade e recentemente acolhido pela Unesco – o eixo estruturante é a ética do cuidado. A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma fraternidade global justa, sustentável e pacífica.

No contexto da reflexão mística franciscana, a Carta da Terra representa a cristalização até agora mais bem sucedida, análogamente ao Cântico de Francisco, a consciência ecológica e planetária na perspectiva de um novo paradigma civilizatório. A Carta da Terra parte de uma visão ética integradora e holística, considerando as interdependências entre pobreza, degradação

<sup>1200</sup> É a ecologia mística que afirma a complexidade sistêmica do universo no qual se afirma a autonomia e a integração dos seres, o caráter cíclico do crescimento de cada ser, a criatividade organizativa e a profunda coexistência de todos em tudo. Daí decorre a experiência da relação com Deus criador/salvador, que, por sua vez, não está fora dessa mesma complexidade cósmica, mas está no bojo das relações de maneira pericorética, desenvolvendo o respeito, a reciprocidade e a comunhão. Cf. GONÇALVES, P. S. L. O ser humano como imagem e semelhança de Deus: a antropologia teológica. *Op. Cit.* p.289.

<sup>1201</sup> Cf. TEIXEIRA, C.M., A presença profética franciscana na AL. In: VV. AA., *Francescanesimo e profetia*. Roma: Ed. Collegio S. Lorenzo da Brindisi, 1985, p. 637-638.

<sup>1202</sup> “Um documento de grande beleza e elegância ética e espiritual” BOFF, L. *A busca de um ethos planetário*. In: PT 40 (2008), p.173.

ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia, ética e crise mística.

O mérito principal da Carta é colocar como eixo articulador a categoria da harmonia (a fraternidade universal) de tudo com tudo. Isso lhe permite sustentar o destino comum da irmã e mãe terra e da humanidade e reafirmar a convicção de que formamos uma grande comunidade terrenal e cósmica. A terra está viva e com a humanidade forma parte de um vasto universo em evolução e, profundamente ameaçada<sup>1203</sup>. Face a esta situação o ser humano tem o dever sagrado de assegurar a vitalidade, a diversidade e a beleza de nossa Casa Comum. Para isso precisamos fundar uma nova aliança com a irmã e mãe terra e um novo pacto social de amor responsável entre todos os humanos, entre todas as criaturas, enraizado numa dimensão mística de reverência face ao mistério da existência, de gratidão pelo presente que o Criador destinou à vida, e de humildade face ao lugar que o ser humano ocupa entre todas as criaturas<sup>1204</sup>.

Ninguém no Ocidente melhor do que Francisco se transformou num arquétipo da ética amorosa e cordial. Ele une as duas ecologias, a interior, integrando suas emoções e desejos, e a exterior, se irmanando com todos os seres. Comenta Eloi Leclerc, um dos melhores pensadores franciscanos de nosso tempo, muitas vezes citado aqui, sobrevivente dos campos de extermínio nazista de Buchenwald:

Em vez de enrijecer-se e fechar-se num soberbo isolamento, deixou-se despojar de tudo, até de sua obra. Fez-se pequenino diante Daquele que *nenhum homem é digno de mencionar*: Deus é, isto basta. Colocou-se, com grande humildade, entre as criaturas. Próximo e irmão das mais humildes dentre elas. Fraternizou com a própria Terra, com seu húmus original, com suas raízes obscuras. E eis que a *irmã nossa Mãe-Terra* abriu diante de seus olhos maravilhados um caminho de fraternidade sem limites, sem fronteiras. Uma fraternidade que abrangia toda a criação. O humilde Francisco tornou-se irmão do sol, das estrelas, do vento, das nuvens, da água, do fogo e de tudo que vive. Pôs-se então a cantar seu deslumbramento. Tudo cantava nele. A graça junto com a alegria o tinham visitado<sup>1205</sup>.

<sup>1203</sup> “Neste momento histórico em que o risco de sobrevivência da mãe terra é cada vez mais acentuado, só com um espírito novo de harmonia e de comunhão com todas as criaturas poderemos encontrar a garantia de futuro para a ‘nave espacial’ que ocupamos no concerto do universo”. NEVES, M.C., São Francisco de Assis. Profeta da paz e da ecologia. *Op. Cit.* p. 76.

<sup>1204</sup> Cf. BOFF, L. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus, 2003, p. 15-23; Id., *A opção-terra*. A solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro: Record, 2009, 181-198.

<sup>1205</sup> LECLERC, E., O sol nasce em Assis. *Op. Cit.*, p. 124.

O cuidado com a terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito (global). O coração une o chão e infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração é a capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico para a sustentabilidade e sobrevivência das criaturas. A Constituição pastoral “*Gaudium et Spes*”, sobre a Igreja no mundo de hoje, decreta à destinação dos bens terrenos a todos os seres da criação:

Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade (GS 69).

A fraternidade universal e cosmológica é um empenho de cada pessoa em descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura. Conhecer os irmãos e irmãs que compartilhem da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes. Significa cuidar do próprio nicho ecológico, vivenciá-lo, com o coração, como o seu próprio corpo estendido e prolongado; descobrir as razões para conservá-lo e fazê-lo desenvolver-se, obedecendo à dinâmica do ecossistema nativo. O que vale para uma pessoa vale para toda a fraternidade local. Ela deve fazer o mesmo percurso de inserção no ecossistema local e cuidar das criaturas do cosmos; utilizar seus recursos de forma frugal, minimizar desgastes, reciclar materiais, conservar a biodiversidade. Resultará uma profunda harmonia dinâmica do ecossistema, onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim, todos e todas encontram seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em acolhidos fraternalmente em casa<sup>1206</sup>.

A mística da terra representa a mãe que concebe, e dá a luz. Da mesma forma que ela tudo gera e cria as condições boas para a vida, ela também tudo acolhe e tudo recolhe em seu seio. É sentir-se Terra, mergulhar na comunidade terrenal, no mundo dos irmãos e das irmãs, como é vivido exemplarmente por Francisco em sua mística cósmica. A partir da experiência profunda da irmã e mãe terra, surge naturalmente a experiência de Deus como Mãe de infinita ternura e cheia de misericórdia. Essa experiência associada àquela do Pai de

<sup>1206</sup> Cf. BOFF, L., Cuidar da vida e da criação. *Op. Cit.*, 106-107.

ilimitado amor e bondade nos abrirá a uma experiência mais global e integradora do mistério de Deus<sup>1207</sup>.

Pulsa no coração dos homens e mulheres da nossa época, ao fazer vir à humanidade a urgência deste texto, os mesmos sentimentos de Francisco, quando nasceu da sua humanidade o Cântico, sua palavra profética fruto da sua experiência mística com o Deus Criador.

### 7.6.1.

#### **A atualização da vida san-franciscana: um olhar prospectivo**

Os discípulos e discipulas de Francisco, não sentem nenhum complexo quando se referem à sua tradição espiritual e teológica, que não consideram como anacrônica, mesmo que seja difícil conservar a metodologia dos escolásticos dos séculos XIII-XIV e sua visão do mundo. Pois a experiência mística de Francisco transcende as suas expressões teológicas e as representações do mundo antigo. Em primeiro lugar, porque se apóia diretamente sobre a Revelação, mas também porque o reconhecimento da autonomia de um conhecimento racional e positivo da criação material, tal como o praticam o ser humano, os místicos e os cientistas de hoje, não é absolutamente contraditório com outro enfoque do mundo criado através da fé sobrenatural.

A ciência em suas pesquisas e avanços racionais tão importantes à sobrevivência dos seres da criação, não esgota a verdade mesma dos seres e, sobretudo, recusa-se a atingir sua significação e sua finalidade. Caso se procure formular a relação do mundo a Deus na linguagem de Platão, é preciso recorrer a relações de imagem para modelo. Tal é precisamente a terminologia que Agostinho usava constantemente e retomada, após ele, pelos agostinianos do século XIII, sendo o maior deles São Boaventura<sup>1208</sup>. O mundo sensível aparece então como o espelho onde passam os reflexos de Deus, uma coleção

<sup>1207</sup> CF. Id., A Terra como Gaia: um desafio ético e espiritual. In: *Concilium* 331 (2009), p. 30(342).

<sup>1208</sup> “Considerando atentamente o itinerário da síntese bonaventuriana, sentiremos sua perfeitia adesão especulativa à vida e à experiência de Francisco de Assis. Compreenderemos, então, a profunda verdade com a qual se pode dizer que a doutrina bonaventuriana do exemplarismo corresponde ao Cântico das Criaturas traduzido para a linguagem metafísica. Nesta atitude de humildade e de aceitação, é natural que as criaturas se mostrem mais dóceis e obedientes ao homem que não as agride nem as trata com violência, mas que permanece fiel à missão de

de imagens para uma teologia ilustrada. O universo é aliás na verdade isto. A mística cristã não poderia permitir deixar-se despojar desta ‘especulação’ de Deus no espelho da natureza, tão maravilhosamente pensada por São Boaventura, tão humanamente vivida por Francisco<sup>1209</sup>.

O ser humano, no seu processo evolutivo religioso, à procura de sentido e experiências superiores, de mística, de harmonia, de encontro benevolente com a pessoa do próximo, de esperança para o devir do mundo e a culminância de sua história, pode refletir sobre a maneira como Francisco e seus companheiros conservaram a alegria de contemplar este mundo e aí encontrar a confiança na bondade misericordiosa do Criador.

Para aqueles e aquelas que procuram um encontro fraterno e convivial com todos os seres, sejam quais forem as suas condições, as suas riquezas e fraquezas, os seus pecados, seus sucessos ou fracassos, Francisco propõe a fraternidade universal entre todos os seres rebentos da mão de Deus. Ao futuro à herança franciscana, parceiros e companheiros, que conseguirão transformar o mundo, a igreja e a teologia, pela lógica do amor, do *agapé* que faz acontecer a fraternidade a comunhão que permitem que se dê o retorno da humanidade ao próprio seio amoroso do criador e salvador que é Deus. O amor fraterno completo o círculo de relações entre o Pai, o Filho, o Espírito e seus seguidores e institui entre eles uma comunhão que tem como fundamento o amor de Deus e como lei intrínseca a permanência neste amor: amor como a visibilização de Deus neste mundo<sup>1210</sup>.

Aí se encontra o segredo de um mundo em paz, da paz universal que Francisco anuncia. Pois não pode haver paz para o mundo sem o respeito às obras de Deus, sem o reconhecimento do preço inestimável dos seres criados por Deus, sem a busca de uma justa distribuição dos bens terrestres criados para a felicidade de todos. Uma visão espiritual e Cristina da criação, como aquela que é vivida e proposta por Francisco, é sempre uma fonte constante de inspiração e de ação em primeiro lugar para o discípulo, homem e mulher, de Cristo, mas também para todas as pessoas que se reconhecem aqui como irmãos e irmãs.

---

conduzi-las a seu último fim que é Deus”. FREITAS, M.B.C., Teoria do conhecimento. In: MERINO, J.A.; FRESNEDA, F.M., (org). Manual de filosofia franciscana. *Op. Cit.* p.62.

<sup>1209</sup> Cf. MATHIEU, L., O ser humano na criação. A visão franciscana. *Op. Cit.* p. 349.

<sup>1210</sup> Cf. TEPEDINO, A.M. As discípulas de Jesus. *Op. cit.* p. 129.

### 7.6.2.

#### **A mística da libertação ou a libertação da mística**

Um olhar prospectivo clama à práxis amorosa entre os seres, a necessária atitude permanente que se manifesta em opções e gestos concretos (cf. DA 397). Somos interpelados por uma modo de fazer teologia mística a partir da mística de Francisco, porque evangélica, libertadora, “pois a grandeza e a beleza das criaturas conduzem por analogia a contemplar o seu Criador” (Sab 13,5), ou como nos ensina João “necessário vos é nascer do alto” (Jo 3,7), para o coração da vida, onde pulsa a misericórdia de Deus.

A mística é a metodologia da vida cristã de Francisco: o encontro com Deus na fé se vive no mundo, se vive no meio dos pobres onde Ele se revela por excelência como pobre, também Francisco escolha pela opção da pobreza evangélica. Assumindo com nova força a opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação integral do ser humano “sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade” (DI 3).

A mística libertadora de Francisco é a sua capacidade de viver no discernimento e manifestação da presença de Deus, sua teofania em favor da libertação, entre as criaturas empobrecidas e em processo de morte. O Cântico reproduz a dimensão narrativa da fé e da mística libertadoras. Enquanto celebração da vida fraterna procura-se interligar o relato da sua história, a história das criaturas, do irmão sol à irmã morte. É uma liturgia dinâmica, uma nova pedagogia que se exprime amorosamente e alegremente em novos símbolos, os símbolos da vida dispostos no Cântico, em sintonia com a fé em Jesus Cristo.

A mística da libertação alimenta-se da fé em Jesus, o Cristo, dessa experiência de base na opção radical de Francisco, no seguimento de Jesus Cristo, pobre, casto e obediente se realiza a libertação da sua mística, que já nasce sob este signo, ao beijar o leproso excluído do convívio social, com quem Francisco fará sua primeira experiência de Deus e sua inaugural fraternidade (cf. 1Cel 17; 2Cel 9): “foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecado, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me

conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles (Test. 1-2)<sup>1211</sup>. Os primeiros frades viviam nos leprosários e no cuidado dos leprosos (cf. EP 44). No final da vida, no meio da crise da Ordem, Francisco voltou ao serviço afetuoso destes irmãos e irmãs que lhe atualizavam continuamente o Servo sofredor Jesus Cristo (1Cel 103). Desde a conversão, o pobre e o Cristo pobre constituem para ele uma única paixão.

O Cântico é a tradução mística, síntese, feita pelo santo na sua luta diária para manter-se fiel ao sacramento privilegiado do encontro com o Altíssimo, Onipotente, bom Senhor, enquanto oração que narra, à luz da fé, o seu significado em três momentos distintos da composição do texto, já verificados aqui. Estes três momentos se interligam como três atos de uma peça inteira de uma só vida.

Francisco sublinha que o ‘espírito’ não se opõe ao corpo, mas à morte. Ser místico diante desta realidade cantada, significa viver segundo a dinâmica da vida em relação com a sociedade e a natureza. Nessa perspectiva Francisco conjuga a vida ordinária, cotidiana e mística. Essa mística é libertadora porque deve ser entendida no sentido de relação com o mistério, com uma dimensão utópica e religiosa, que se manifesta em ritos, cantos, dramatizações presentes na vida devocional de Francisco.

Francisco articula, compõe uma séria recriação entre a sua paixão por Jesus Cristo, pela mística que é própria do ser humano religioso, e a sua paixão pela libertação da natureza (todas as criaturas) e dos pobres (simbolizado pela pessoa do leproso), excluídos dos bens da criação<sup>1212</sup>. O princípio fundante da mística, e que implica e impele à libertação, não é mais simplesmente o tradicional ‘faze o bem e evita o mal’, mas aquele que tem raízes na vida

<sup>1211</sup> “Ternura particularíssima dedicava aos pobres e aos mais pobres entre os pobres, os leprosos. As biografias são unânimes em afirmar que sua primeira conversão foi para os pobres e crucificados e a partir daí para o Cristo pobre, o Crucificado” BOFF, L., São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 38

<sup>1212</sup> A globalização neoliberal gera a exclusão dos pobres em processo quase caracteriza por ser dependente e concentrador-excludente. Dependente porque, para se organizar e se desenvolver, depende dos centros de poder globalizado. Concentrador-excludente, porque cria um colonialismo interno que provoca uma concentração da riqueza em mãos de poucos sem a necessária atenção às largas massas da população deixada à deriva. Tal política obedece a um complexo jogo de regras e normas que têm como resultado a redução cada vez maior de proprietários dos bens de produção e o aumento dos excluídos. É o sistema que se caracteriza por ser dependente e ao mesmo tempo concentrador-excludente. Cf. BOFF, Lina. *A vida Religiosa em ritmo de Terceiro Milênio*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-26; BEOZZO, J. O. Observações sobre as causas da injustiça socioeconômica e política no Brasil. In: *Curso de Verão II*. São Paulo: Cesep-Paulinas, 1988, p. 134-135.

histórica como solidariedade, profecia, misericórdia: ‘faze o bem e luta contra o mal para superá-lo’.

Em suma, o seguimento de Jesus histórico e sua exigência: viver entre um ‘não’ e um ‘sim’ incondicionais: um ‘não’ incondicional àquilo que a Revelação chama por antonomásia o pecado, a saber, a negação da realidade, a negação da vida, cordado por Francisco no Cântico (cf. Cnt 13), portanto um ‘não’ a tudo aquilo que desumaniza os homens e mulheres e os faz empobrecidos, oprimidos, explorados, excluídos, doentes; e um ‘sim’ incondicional à vida que palpita em todos os seres, humanos e não humanos, um ‘sim’ incondicional a restituir a vida àqueles e àquelas aos quais hoje ela é negada ou ameaçada. Um ‘sim’ ao mundo desejado pelo Deus de Jesus, mundo que se há de construir na base do dom da graça, do amor do Pai; e, enfim, um ‘sim’ à conversão, entendida como o compromisso de transformar este mundo de pecado para construir o ‘outro mundo possível’; para provocar a erupção irrupção, sob a mística do Reino, que todas as criaturas vivam como filhos e filhas e irmãos entre si, com especial cuidado pelos que mais sofrem, em busca da fraternidade libertadora, baseada na vida e na justiça, na liberdade, no amor e na igualdade, na pluralidade da criação.

Mística da libertação tem dupla dimensão, a da gratuidade e a da eficiência, da caminhada profética e da via contemplativa<sup>1213</sup>. A relação vital entre a mística e a vida, a atuação de Francisco é pontuada na efetiva dupla dimensão com harmonia. Sua imbricação entre a mística na fé e o amor incondicional na prática libertadora dos que sofrem escravos, seja do pecado, seja na pobreza pela mão da injustiça, tudo está interligado, pela exigência da libertadora mística evangélica. Insiste em que não se trata de duas realidades distintas e separáveis. Toda mística libertadora é a libertação do ser humano e das criaturas inteiras do cosmos. Não há contraposição.

A mística libertadora inclui a percepção de todo ser humano como irmãos e irmãs, parceiros fraternos capazes de viver a vida em solidariedade, de compreendê-la e aceita como um dom. Sem dúvida, esta mística não deixa que interesses individuais egoístas se sobreponham, calem a voz e escondam as

<sup>1213</sup> “A experiência da gratuidade é o espaço do encontro com o Senhor. Sem a compreensão do significado da gratuidade não existe dimensão contemplativa” GUTIÉRREZ, G. Beber no próprio poço. *Op. Cit.* p. 122.

necessidades dos excluídos, de todas as criaturas. A mística de Francisco, porque mística libertadora de um homem libertado e libertador<sup>1214</sup>, proclama, em relação a todas as conquistas das ciências da vida e do cuidado da saúde, da liberdade e da justiça, ética. Encoraja o ser humano e os grupos dos mais diferentes contextos sócio-político-econômico-culturais-afetivos a união na empreitada de garantir vida digna para o planeta, a mãe-gaia, para todas as criaturas, na construção de um paradigma novo que aceita ser guiado por valores humanos e pelas exigências da fraternidade universal<sup>1215</sup>.

E toda libertação possui uma mística sob o impulso do Espírito, no seguimento de Jesus Cristo libertador. Compromisso de todos os homens e mulheres, a ‘libertação da mística’, como conclui seu livro, Maria C. L. Bingemer:

Talvez a mística cristã tenha sido, de certa forma, ‘seqüestrada’ do cotidiano do povo de Deus e transformada em assunto restrito a meia dúzia de especialistas. Entendida mais como *fuga mundi* que como mergulho no mundo, teria ficado mais escondida nas bibliotecas ou nos conventos, em vez de ser anunciada por sobre os telhados. Proclamada assim como autêntico caminho de salvação e verdadeira ‘saúde’, como deslumbrante maravilha do Espírito de Deus na história.<sup>1216</sup>

A mística de Francisco é uma contribuição para esta libertação, enquanto é libertadora, pois recorda que ela é o ponto de partida indispensável para a práxis da fé evangélica. Francisco procura dar concretude à íntima relação entre mística e ação misericordiosa, evangelização, criativamente surge espaço e categorias necessários e adequados para a construção de uma civilização alternativa, em busca da utopia do Reino do Deus de Jesus Cristo: a fraternidade e a sororidade universal.

<sup>1214</sup> Procurar uma libertação social em Francisco no verbete sociedade ou libertação significa não encontrar, de partida, nada. Deve-se buscar a temática nos verbetes pobreza, riqueza, regra, autoridade, fraternidade, dinheiro, obediência, sarracenos, etc. Cf. BOFF, L., Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 109.

<sup>1215</sup> Cf. PESSINI, L., Bioética na América Latina. Algumas questões desafiantes para o presente e o futuro. In. *REB* 274 (2009), p. 319-320.

<sup>1216</sup> BINGEMER, M. C. L. Alteridade e Vulnerabilidade. *Op. Cit.* p. 91.

### 7.6.3.

#### **O Cântico: a escritura de um místico ou convite ao silêncio contemplativo**

Francisco *lê* a carne, o cerne das imagens símbolos, encolhido na sua cela. *Lê* não à dor, há a dor, ele *lê* com emoção, a linguagem das emoções: a pura emoção de cada objeto-sujeito da realidade que sua lente em aguda percepção capta, em síntese.

Como ao sacerdote o santo *lê* a alma; como aos astrônomos ele *lê* os astros. Como ao místico ele *lê* a presença de Deus. Seu mundo está envolto em uma teia de leitura, em escritura no chão sagrado da experiência mística. Na balbúrdia do seu miúdo cotidiano, como poeta, com a cabeça inclinada sobre o peito das criaturas, sem nada esperar, ele *lê* o silêncio. Só assim ele se conecta com o Criador que define a existência das criaturas.

Ele se aproxima e espera, não é uma resposta que ele busca. Sua poesia não é uma navalha que rasga o peito do mundo, à procura de uma dor. Seu Cântico é a escritura à semelhança do amante que, em silêncio, recosta a cabeça sobre o ventre da amada, nem tanto para ouvir, satisfeito apenas em amar e consolar, o amor, ação mais nobre e que mais aproxima o ser humano de Deus. A busca do ser humano sedento por Deus, “pois o amor é forte, é como a morte” (Ct 8,6). É alguém que se aproxima e espera. Se a morte é eminente, irmã tão próxima, Francisco recorda a imagem de um pássaro que, cheio de coragem, insiste em sobrevoar uma ilha que se distancia, que se lhe escapa, certo de que só lhe resta a alegria do vôo.

Francisco acaricia a grande borda da existência, com a qual a palavra é só um breve desenho, como as espumas que surgem e logo desaparecem no oceano restando o grande silêncio sobre o qual o poeta, porque portador de uma mística evangélica, resignado, flutua. Transportado, permanece. Resta-lhe também a face dura da pedra, sobre a qual, com grande esperança, ele ergue seus mais densos, os últimos dias. Leveza da água, dureza da pedra: dois véus que encobrem o mesmo relampejar da obra, sabendo inacabada.

Para Francisco, escrever é, antes de tudo, escutar. Como na leitura que conduz ao silêncio. Tanto às águas profundas, como a superfície lisa da luz das estrelas à sua contemplação, ao ofuscante do sol, falam uma língua estrangeira,

que o santo de Assis, por delicadeza e teimosia, não iracúndia, se esforça em traduzir.

Sabe que o Cântico precisa nascer. É preciso refugiar-se em um espaço de névoa e fuligem, aos seus olhos, até mesmo aos sentimentos mais próprios, nos quais o silêncio – eis seu objeto! – se faz legível. Silêncio que se transforma em louvor. Mais do que escrever, o poeta místico é aquele que aprende a ler. Mais que a escrita, seu instrumento é a escuta. Mais que lavar as palavras, fazer o hino é cavar o silêncio, e o que resta desse esforço, o sulco da composição poética que revela em mística, mesmo quando oculta, é o Criador.

Ao místico compete em palavra que contempla, auscultar o suave murmúrio das criaturas, quase inaudível, rumor que, no bojo das criaturas do mundo, lateja. Seu repertório o valoriza: do Altíssimo Criador ao ser humano bem-aventurado. Não mais Francisco, mas o Cântico desafia ao cântico e sugere que nos calemos, à sabedoria da experiência contemplativa. Não nos impõe o silêncio. Somente o cuidadoso e místico recolhimento breve o necessário, mas que desta matéria fértil, a vida, cante a limpidez sonora preparando o eterno. Mais que palavras, percebendo a respiração, como alguém que dorme a nosso lado, mas não alcançamos seus sonhos, portanto, o Cântico é a respiração do cosmos.

### **Conclusão parcial**

Francisco, ao se desnudar, no início da sua conversão, renuncia ao mesmo tempo a seu pai e à sua classe social. Renuncia assim às seguranças primárias da condição humana e da sociedade para viver na fé a filiação transcendente do Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor solidário. Experimenta sem empecilhos a fraternidade das criaturas do Pai-Criador comum. Essa fraternidade experimentada e expressa é fonte de felicidade e alegria inesgotável. Deste modo Francisco, como nova criação, pode realizar, transcendendo-o, o esquema religioso: o acordo com Deus e com as criaturas em sua unidade diferenciada, convocando à justiça a cada ser e ao Senhor de todos.

Como em Jesus, não há em Francisco pedidos para que as pedras se transformem em pão. Ao contrário, há uma insistência, que fora do contexto

pareceria masoquista, em se expor à privação e à inclemência sua vida. Mas, a partir dessa honradez com as consequências de suas opções, que dá um realismo místico à vida de Francisco e que a distancia de qualquer exaltação romântica, acontece a comunhão com os elementos cantados no Cântico, síntese de todas as criaturas. Esta fraternidade alcança uma articulação mística, acontecimento que devemos enfrentar: Francisco fala com o irmão sol, com o irmão fogo, com os irmãos pássaros e peixes, até mesmo com o irmão lobo, e se compreendem.

Francisco, antes de compor seu mais refinado poema místico, compreende com a vida a sua escritura, sua vida é sua escritura, ou a sua melhor tradução, convive com o poema, em ternura e enfermidades, ele místico e profeta, insinua que antes do nascer da palavra há sempre um sabor de silêncio que precisa ser sorvido, convivido, até mesmo sofrido e assimilado.

Em um mundo fascinado pelas imagens e pelas superfícies, os poetas com mais angustia envergadura, os poetas místicos, são vistos como guardiões das emoções profundas, eles nos impedem de enlouquecer. Existe todo um universo que vai além da crosta objetiva do mundo, que poetas devem perseguir; conhecer os valores das realidades invisíveis. Francisco não é um caçador de imagens, ele sabe captar as visões do espírito. Um místico comprometido com o inesgotável. Com o inesgotável da criação, de todo o cosmos. E já levanta pistas para a problemática dos tempos que só viriam depois dele.

Francisco possui uma coragem não improvisada, mas composta na oração, nos sacramentos, na frequência **O Cântico: a escritura de um místico ou convite ao silêncio contemplativo**

continua da Palavra de Deus, fundamentada no amor e na aguda observação do mundo, arrisca perspectivas inesperadas, para descerrar as janelas, para inventar outras maneiras de olhar. Coragem para ultrapassar a imagem do dado imediato.

Ao chegar ao fim do nosso empenho, neste último Capítulo, se palavras podem nos trair, jamais as que a vida de Francisco produz. Sua escrita é um sonho que toca o que jamais chegaremos a conhecer ou possuir plenamente, mas nos ascende ao interior da sua morada.

Creemos que o poema de Francisco, hino ao Deus da criação, ao ultrapassar os muros de Assis, ao fundar reinos místicos nos corações humanos, inaugurando a presença do Reino de Deus, o Paraíso, é o Cântico que visita todo ser humano empenhado em ser criatura nova, humanizada e fraternizada com todos os seres da criação e em especial os menores, as vítimas de toda sorte de sofrimentos. Seduzidos pelos versos do poeta de Assis, também nós, os andarilhos pelas terras do sem fim, como ao próprio autor, trazer no bojo original a caligrafia mística de Francisco: a mística que derrama utopia ao coração da prática da fé evangélica.

A vida de Francisco não sucede ‘naquele tempo’ mas em nossa época e em nosso mundo das ‘noites escuras epocais’. Neste mundo e neste tempo históricos Francisco descobre que os elementos, as plantas e os animais são criaturas de Deus e que essa é sua realidade, o que a faz existirem. Esta dimensão transcendente não é um elemento no qual existe, mas sua existência concreta. Ora, esta existência concreta não só religa cada ser e o todo com Deus, mas os religa também entre si. Deste modo as criaturas, pelo fato de serem criaturas, são irmãs. E por estarem no cosmos integrados realizam a mística da harmonia integral, participam da celebração cósmica transparente e reconciliada, epifania de um olhar prospectivo atual, atualíssimo.

O motivo dominante do Cântico é o louvor a Deus para agradecer-lhe por suas criaturas. Ele não foi escrito em um momento de alta excitação sentimental, brotou da doença e da tribulação. O Cântico é um hino místico dirigido ao Altíssimo, cuja beleza se reflete na criação e cuja misericórdia pelo mundo manifesta-se na redenção realizada por Cristo. O Cântico é o abraço cósmico que Francisco dá às mais miúdas e pequeninas criaturas e ao inteiro cosmos, expressa em nome de cada criatura a sua participação fraterna na harmonia universal. Motivado por esta experiência mística, o santo de Assis demonstra toda a sua capacidade de amar a criação, que é obra das mãos amorosas de Deus.

Partimos de uma ecologia mística que contempla a redescoberta do todo, da integralidade, da organicidade, da animação de todos os seres. Esta dimensão é chamada mística, porque se faz sensível ao mistério do mundo e ao mundo do mistério. Ela surge quando fazemos a crítica radical do sentido da vida que está gerando a crise de hoje. Mais que um patrimônio das religiões,

das igrejas, a mística é uma categoria de análise, e esta aplicada à experiência de Francisco, a vida analisada por ele se faz Cântico. Enquanto conjunto de suas percepções, de intuições, convicções, que tem a ver com o sentido profundo de sua vida.

Francisco, autor místico, tem como objetivo captar a natureza das criaturas como conjunto articulado, orgânico; como conjunto dum grande sistema lógico que tem sua intencionalidade. Isto é, não só supera o antropocentrismo, supera também a centração na terra, porque capta a totalidade do universo, como energia que está carregada de intencionalidade, plena de vida.

Resta um longo caminho a percorrer. Por muito tempo ainda os ventos noturnos atormentarão a nossa terra. Mas, lá longe, sem ruído, os cimos se iluminam: nasce o Sol lá onde está a nossa esperança<sup>1217</sup>.

---

<sup>1217</sup> LECLERC, E., O Sol nasce em Assis. *Op. Cit.* p. 140.